



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE  
CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**ABC LGBT+: DIVERSIDADE DE A A Z**

EDUARDO MADUREIRA LINS DE ARAÚJO  
ORIENTAÇÃO: PROF. Dr. ANTONIO WELLINGTON DE OLIVEIRA JUNIOR

FORTALEZA, CEARÁ

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE  
CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

EDUARDO MADUREIRA LINS DE ARAÚJO  
ORIENTAÇÃO: PROF. Dr. ANTONIO WELLINGTON DE OLIVEIRA JUNIOR

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para obtenção do título de graduado em Publicidade e Propaganda, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Wellington de Oliveira Junior.

FORTALEZA, CEARÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

A688a Araújo, Eduardo Madureira Lins de.  
ABC LGBTQ+ : diversidade de A a Z / Eduardo Madureira Lins de Araújo. – 2021.  
73 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda), Fortaleza, 2021.  
Orientação: Prof. Dr. Antônio Wellington de Oliveira Júnior.

1. Abecedário. 2. Comunidade LGBTQ+. 3. Tipos. 4. Design digital. 5. Tipografia. I. Título.  
CDD 070.5

---

EDUARDO MADUREIRA LINS DE ARAÚJO

ABC LGBT+: Diversidade de A a Z

Este Projeto Experimental foi submetido ao Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

A citação de qualquer trecho deste Projeto Experimental é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas de ética científica.

Projeto Experimental apresentado à Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Antonio Wellington de Oliveira Junior  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Joaquim Francisco Cordeiro Neto  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Dr. João Vilnei de Oliveira Filho  
Universidade Federal do Ceará

FORTALEZA, CEARÁ

2021

## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a todes, todos e todas as pessoas LGBTQIAP+ que vieram antes de mim, que lutaram bravamente pelos nossos direitos e pela nossa existência. Agradeço pela sua coragem e é apenas por causa dessas pessoas que consigo realizar esse trabalho hoje e consigo ter espaço para expor o tema do movimento LGBTQ+ em uma universidade pública. É por essas pessoas que vieram antes que mim e tiveram coragem de viver sua verdade que hoje tenho coragem de reivindicar quem eu sou e o meu lugar no mundo.

Agradeço a minha família que, por mais complicada que tenha sido nossa relação por muitos anos, me apoiou na minha jornada e me deu oportunidade de estar aqui concluindo essa fase da minha vida acadêmica. Agradeço principalmente minhas irmãs e mães, Renata e Daniele, por me criarem tão bem e me acolherem sempre com muito amor e afeto. Obrigado por me ensinarem a ser forte, a me amar e a me proteger.

Agradeço a todos os meus amigos, que são também minha família. Agradeço por me amarem, me respeitarem, por me protegerem, por me incentivarem e me permitirem ser livre. Agradeço em especial à minha melhor amiga Amanda Martins, que além de ser meu porto seguro, é minha maior companheira nessa vida e sem ela, eu não seria quem sou hoje. Agradeço aos meus amigos de infância por acompanharem meu crescimento e por me aceitarem em todas as minhas fases: Zaira, Yuri, Maria Bethânia, Alba, Ana Beatriz, Julia, Maria Eduarda e Ana Carolina. Agradeço ao João Pedro Dedê, a Cândida, a Yasmin, a Inara e ao Felipe Matheus por sempre poder contar com vocês, por estarem do meu lado e me apoiarem. Agradeço a todas as pessoas especiais que conheci graças à UFC, que me acolheram tão bem em Fortaleza e me ajudaram a desbravar novos caminhos pessoais e acadêmicos. Catarina, Mário, Loreena, Arthur, Beatriz, Felipe e Kauany: vocês têm um lugar muito especial no meu coração. Não poderia deixar de parafrasear minha artista inspiração Lorde para dizer que: “we’re on each other's team”.

Agradeço a todos os professores que acreditaram em mim durante toda minha vida acadêmica, desde as professoras do jardim de infância até a graduação. Sem vocês eu não estaria escrevendo esse projeto acadêmico, pois não teria sequer aprendido a escrever, a ler e a criar, por isso, valorizo tanto sua profissão, sua determinação e a sua capacidade de mudar o mundo plantando uma semente dentro de cada aluno que passa por vocês.

Agradeço ao meu psicólogo Dante por ter me guiado em momentos tão difíceis da minha vida, por ter me escutado e me deixado confortável para falar, por ter me ajudado a desbravar minha força interior. Muito obrigado, principalmente, por me acolher como uma pessoa LGBTQ+. Obrigado por tudo, pois sem você a realização deste trabalho não seria possível.

Por fim, agradeço a mim: por continuar lutando todos os dias, por não ter desistido, por ser cada dia mais forte e potente. Obrigado Eduardo Madureira Lins de Araújo, você é valente!

## RESUMO

Com o objetivo de introduzir conceitos e elementos sobre o imaginário LGBTQ+ para membros ou não-membros da comunidade LGBTQ+, o seguinte projeto experimental em comunicação parte da utilização de uma ferramenta educacional básica — o abecedário — para ilustrar de maneira lúdica, atrativa e didática a diversidade das identidades, da cultura e da história da comunidade LGBTQ+. Intitulado ‘ABC LGBTQ+’, a comunicação visual do abecedário foi construída mesclando diferentes estilos de design digital na interferência em tipos, utilizando técnicas de colagem e ilustração digital, além de manipulação de imagens e desenhos vetoriais. Essa pesquisa foi desenvolvida junto ao Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte-LICCA, utilizando a metodologia aplicada pelo Doutor Leopoldo Augusto Leal em seu livro *Pandemonium: processo criativo, experimentação e acaso* (2019, p. 1-340), junto a isso, foi fundamentado o processo criativo com pesquisas bibliográficas a respeito dos principais temas — o abecedário e o design queer — em busca de compreender e justificar a relevância do projeto.

**Palavras-chave:** Abecedário, Comunidade LGBTQ+, Tipos, Design digital

## ABSTRACT

Aiming to introduce concepts and elements about the LGBT+ imaginary for members or non-members of the LBGT+ community, the following experimental communication project starts off by using a basic educational tool — the *abecedário* — to illustrate in a playful, attractive and didactic way the diversity of identities, culture and history of the LGBT+ community. Entitled 'ABC LGBT+', the visual communication of the *abecedário* was created mixing different styles of digital design in interferences with type, using collage and digital illustration techniques, in addition to image manipulation and vector drawings. This research was developed at *Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte-LICCA*, using the methodology applied by PhD Leopoldo Augusto Leal in his book *Pandemonium: processo criativo, experimentação e acaso* (2019, p. 1-340). In addition, the creative process was based on bibliographic research on the main themes — the *abecedário* and queer design — in an attempt to understand and justify the relevance of the project.

**Keywords:** Abecedário, LGBT+ Community, Types, Digital design

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capítular ilustrada num manuscrito medieval .....	15
Figura 2: Capítular ilustrada num manuscrito medieval .....	15
Figura 3: Abecedário da Cartinha João de Barros (cópia do século XVIII) .....	17
Figura 4: Abecedário da Cartinha João de Barros (cópia do século XVIII) .....	17
Figura 5: Frase “The quick brown fox jumps over the lazy dog” escrita com a fonte Gilbert .	22
Figura 6: Trecho retirado do zine WHAT IS QUEER TYPOGRAPHY? (2021) .....	23
Figura 7: Páginas do zine WHAT IS QUEER TYPOGRAPHY (2021), com alguns exemplos de impressos feitos por grupos LGBTQ+ de pessoas negras e latinas nos Estados Unidos na década de 80 e 90 .....	25
Figura 8: Compilado de capas do boletim ChanacomChana publicados pelo grupo GALF (Grupo de Ação Lésbica Feminista, 1981 - 1990) .....	26
Figuras 9: Capa do jornal Lampião da Esquina veiculada no Rio de Janeiro (1981) .....	26
Figuras 10: Capa do jornal Lampião da Esquina veiculada no Rio de Janeiro (1979) .....	26
Figuras 11: Letterings desenvolvido por Leandro Assis para a <i>Amazon Music</i> , assinando a identidade visual da campanha <i>Amazon Pride 2021</i> .....	27
Figura 12: Figurinhas digitais desenvolvidas por Leandro Assis para o <i>Facebook</i> com temática LGBTQ+ em 2021 .....	27
Figura 13: Figurinhas digitais desenvolvidas por Leandro Assis para o <i>Snapchat</i> com temática LGBTQ+ em 2020 .....	28
Figura 14: Grid utilizado na organização visual do projeto ABC LGBTQ+ .....	35
Figura 15: Grid utilizado na organização visual do projeto ABC LGBTQ+ .....	35
Figura 16: Tipografias Gilroy Light e Gilroy ExtraBold .....	36
Figura 17: Código das 6 cores utilizadas na <i>tag</i> das peças do ABC LGBTQ+ .....	37
Figura 18: peça K de Keith Haring do ABC LGBTQ+ .....	38
Figura 19: Obra <i>Best Buddies</i> (1990), de Keith Haring .....	38
Figura 20: A de Assexual .....	39
Figura 21: B de Bissexual .....	40
Figura 22: C de Casa 1 .....	41
Figura 23: D de Drag .....	42
Figura 24: E de “Ei, tu é?” .....	43
Figura 25: F de Ferro’s Bar .....	44
Figura 26: G de Gay .....	45

Figura 27: H de Hoje eu quero voltar sozinho .....	46
Figura 28: I de Intersexo .....	47
Figura 29: J de João W. Nery .....	48
Figura 30: K de Keith Haring .....	49
Figura 31: L de Lésbica .....	50
Figura 32: M de Marsha P. Johnson .....	51
Figura 33: N de Não-binária .....	53
Figura 34: O de Orgulho .....	54
Figura 35: P de Pansexual .....	55
Figura 36: Q de Queer .....	56
Figura 37: R de RuPaul .....	58
Figura 38: S de Stonewall .....	59
Figura 39: T de Trans .....	60
Figura 40: U de Uó .....	62
Figura 41: V de Voguing .....	63
Figura 42: W de Warhol .....	64
Figura 43: X de Xica Manicongo .....	65
Figura 44: Y de Yves Saint Laurent .....	66
Figura 45: Z de Ziggy Stardust .....	68

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO – TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO</b> .....	11
<b>2. JUSTIFICATIVA</b> .....	14
<b>3. OBJETIVOS</b> .....	30
3.1. GERAL .....	30
3.2. ESPECÍFICOS .....	30
<b>4. METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	31
4.1. RECURSOS TÉCNICOS .....	35
<b>5. O ABC LGBT+</b> .....	39
5.1. A DE ASSEXUAL .....	39
5.2. B DE BISSEXUAL .....	40
5.3. C DE CASA 1 .....	41
5.4. D DE DRAG .....	42
5.5. E DE “EI, TU É?” .....	43
5.6. F DE FERRO’S BAR .....	44
5.7. G DE GAY .....	45
5.8. H DE HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO .....	46
5.9. I DE INTERSEXO .....	47
5.10. J DE JOSÉ W. NERY .....	48
5.11. K DE KEITH HARING .....	49
5.12. L DE LÉSBICA .....	50
5.13. M DE MARSHA P. JOHNSON .....	51
5.14. N DE NÃO-BINARIE .....	53
5.15. O DE ORGULHO .....	54
5.16. P DE PANSEXUAL .....	55
5.17. Q DE QUEER .....	56
5.18. R DE RUPAUL .....	58
5.19. S DE STONEWALL .....	59
5.20. T DE TRANS .....	60
5.21. U DE UÓ .....	62
5.22. V DE VOGUING .....	63
5.23. W DE WARHOL .....	64
5.24. X DE XICA MANICONGO .....	65

5.25. Y DE YVES SAINT LAURENT .....	66
5.26. Z DE ZIGGY STARDUST .....	68
<b>6. CONCLUSÃO .....</b>	<b>70</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>72</b>

## 1. INTRODUÇÃO – TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO

Neste projeto experimental em comunicação, procurei desenvolver um abecedário com temática LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e mais), me apropriando dessa ferramenta didática elementar para unir a comunicação verbal e gramatical dos tipos<sup>1</sup> com a comunicação visual aplicada em cada letra, ilustrando a diversidade e a pluralidade do movimento LGBTQ+ com soluções gráficas. Tendo em vista que esse movimento social, apesar de suas muitas conquistas, ainda é diminuído e desrespeitado, meu objetivo principal foi produzir um produto de comunicação que conseguisse trabalhar diferentes tipos de design gráfico digital com o intuito de dar destaque ao movimento LGBTQ+, levando informação sobre a cultura, história, existência e resistência desse grupo social de maneira didática e acessível, como um abecedário utilizado no ensino básico, para que até mesmo pessoas que não se identificam como LGBTQ+'s ou que estão alheias à importância de tal grupo aprendam e conheçam sobre.

A sigla LGBTQ+ vem crescendo à medida que novas identidades sexuais e de gênero vão sendo compreendidas por esse grupo social. Segundo matéria publicada pela Revista Galileu (2021), a sigla cunhada no Brasil na década de 1990 que designava esse grupo social era GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), sendo usada como sinônimo de LGBTQ+ porém excluindo a existência de uma maior diversidade de identidades sexuais e de gênero. Atualmente a sigla que se tem conhecimento é LGBTQIAP2+, na qual o L faz referência a Lésbicas, G a Gays, B a Bissexuais, T a Transexuais, travestis e não-binários, Q a Queer, I a Intersexo, P a Pansexuais, 2 a *Two Spirits*<sup>2</sup> e o '+' que abrange as outras possíveis existências e identidades que se enquadrem no espectro LGBTQ+. Tantas letras assim, por vezes, acabam gerando estranhamento e curiosidade em quem não conhece seu significado, portanto, o projeto do 'ABC LGBTQ+' visa desmistificar a sigla e trazer à tona o conhecimento a seu respeito, utilizando de maneira lúdica a ideia de uma sigla formada por tantas letras poder gerar um

---

<sup>1</sup> "As palavras "tipo" e "fonte", assim como muitas do meio tipográfico encontram vários significados na língua portuguesa. Acredito que compreendê-las, inicialmente através de uma relação singular/coletivo, é mais fácil e objetivo.

Segundo Fontoura e Fukushima (2006), a palavra tipo - derivada do grego *typos*, que significa cunho, molde, sinal, marca ou modelo - diz respeito ao paralelepípedo de metal fundido, madeira ou outro material que, no processo tipográfico, imprime determinada letra ou sinal quando convenientemente entintado. Para os autores, tipo é ainda entendido como a estampa impressa de um caractere resultante da composição com tipos móveis, foto composição, ou de meios digitais." (BUGGY, 2021, p. 144)

<sup>2</sup> "O termo "two-spirit" foi cunhado por indígenas dos Estados Unidos e Canadá ao longo dos anos 1990 em contraposição ao uso da palavra "berdache", de cunho estigmatizante e ligado, etimologicamente, ao sujeito passivo em uma relação de pederastia. [...] Em sua própria visão, eles seriam parte de uma tradição de diversos povos nativo-americanos de pessoas com dois espíritos, masculino e feminino." (FERNANDES, 2017, p. 100-101)

alfabeto inteiro de significados políticos e sociais. Um ponto importante de ser ressaltado é que, durante o desenvolvimento do projeto, optei pelo uso da sigla LGBTQ+, ao em vez de sua versão mais completa, por ser mais sucinta, visto a repetição do termo ao longo da pesquisa e do projeto, além de ser o termo mais usual na coloquialidade para se destinar a esse grupo social.

Durante a infância e o processo de letramento e alfabetização, o abecedário é ferramenta essencial para tornar atrativo e didático o ensino das letras do alfabeto que utilizamos. É um dos primeiros contatos que temos com a linguagem escrita do alfabeto latino, sendo assim, uma experiência interdisciplinar que estimula diversos conhecimentos: a compreensão visual e imagética dos tipos latinos, “a associação de um fonema com um grafema (o som de cada letra com sua escrita e signo visual)” (STEPHANOU; SOUZA, 2016, p. 299) e a associação entre conhecimentos prévios em relação à sociedade e à cultura que está inserida, pois os abecedários atualmente utilizam-se de palavras que iniciam com a letra que está sendo representada, vinculando esses aprendizados a outros elementos, como exemplo: ‘A de Amor, B de Baixinho, C de Coração, D de Docinho, E de Escola, F de Feijão’, como canta Xuxa em sua canção *Abecedário da Xuxa* (XUXA, 1988).

Como, desde criança, tudo que era visual me atraía muito: cores, formas e ilustrações sempre foram fatores que capturavam com mais facilidade minha atenção e propiciavam a associação de conceitos, agregando uma certa ludicidade ao entendimento do mundo. Assim, os abecedários ilustrados eram meus livros favoritos em idade de alfabetização, por apresentarem os grafemas associados a imagens e ilustrações de animais, objetos e elementos que já me eram previamente conhecidos. Portanto, partindo da ideia de uma didática básica onde até mesmo crianças conseguem extrair conhecimentos, o abecedário me pareceu a ferramenta ideal de transmitir conceitos de uma maneira leve, atrativa e simplificada.

Em maio de 2020, em meio à pandemia, despertou-se em mim a ideia de desenvolver um projeto de design autoral inspirado em uma *trend* do *Instagram* chamada ‘36 days of type’ (do inglês: 36 dias de tipo), na qual designers gráficos desenvolvem e postam diariamente um tipo do alfabeto latino em suas contas na rede social, da letra A à Z e do algarismo 0 ao 9, sendo uma ótima maneira de expor seu portfólio e exercitar práticas e estilos de design gráfico. Para ser mais preciso, foi no dia 30 de maio que surgiu a ideia de criar um projeto assim e, como estava na véspera de iniciar o mês de junho, considerado o mês do orgulho LGBTQ+, eu, como pertencente a esse grupo social, decidi celebrar o movimento e agregar um maior significado identitário ao design que seria desenvolvido, criando um abecedário com base na sigla LGBTQ+, em que cada letra fazia referência a alguma identidade

sexual ou de gênero, algum elemento sócio-político-cultural pertencente à comunidade ou alguma personalidade importante e significativa para a história do movimento.

Tomando como base esse projeto desenvolvido anteriormente e sob orientação do Prof. Dr. Antonio Wellington de Oliveira Junior, desenvolvi esse projeto experimental em comunicação utilizando duas metodologias principais: a produção prática do projeto de maneira gráfica por meio das ferramentas fornecidas pelos programas *Photoshop* e *Illustrator* da Adobe, propiciando a realização de desenhos vetoriais, ilustrações, edições de imagens e colagens digitais. Além disso, a discussão teórica do projeto foi baseada em pesquisas e leituras de textos acadêmicos relacionados às temáticas principais: o abecedário e o movimento LGBTQ+. Para a elaboração do design de cada um dos 26 tipos latinos, fiz uma seleção de elementos e conceitos pertencentes a temática do grupo social que inspira o projeto, selecionando uma palavra que iniciasse com cada uma das letras do alfabeto para associar ao seu tipo. Essa escolha de elementos foi realizada após as pesquisas bibliográficas relacionadas sobre cada tema, buscando produções desenvolvidas sobre o universo LGBTQ+, incluindo artigos acadêmicos, reportagens, pesquisas, produtos audiovisuais, documentários e vídeos na plataforma *YouTube*. Dessa forma, os *layouts* desenvolvidos possuem uma prévia pesquisa sobre o tema, unindo a comunicação visual ao elemento ao qual está representando, buscando traduzir visualmente a pluralidade do movimento LGBTQ+.

## 2. JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento da humanidade está diretamente atrelado ao desenvolvimento da escrita, utilizando essa tecnologia como forma de comunicação, de registro documental e sobretudo, uma forma de poder. Em seu livro *A tipografia customizada como elemento identitário em sistemas de identidade visual*, Luciano Cardinali (2015) afirma que:

Como em qualquer estudo que envolva a expressão da cultura, a forma visual da linguagem oral, desde a escrita cuneiforme praticada pelos sumérios (aproximadamente 4.000 a.C.), passando pela caligrafia da Europa ocidental, essencialmente manual da Idade Média, até a tipografia digital que utiliza os meios computacionais para sua produção e uso, é uma expressão cultural que constitui um campo transdisciplinar e interdisciplinar, inevitavelmente atrelada a relações antropológicas mais amplas, comprometidas com as atividades artísticas, costumes e crenças, e aos sistemas de comunicação desenvolvidos por determinadas sociedades em certos espaço e tempo. (CADINALI, 2015, p.26)

Atualmente, o domínio sobre a escrita é algo mais comum e corriqueiro em nossa sociedade ocidental, mas nem sempre foi assim. Esse conhecimento, por séculos, foi algo restrito às elites, em que apenas pessoas selecionadas eram ensinadas a ler e escrever, sendo as mesmas as únicas a registrar e documentar a realidade e o momento histórico no qual estavam inseridas. Eles controlavam o que era comunicado e o que era verdade. Assim, a história da escrita está vinculada a uma narrativa hegemônica de dominação europeia, cristã, branca, cis-heteronormativa e masculina.

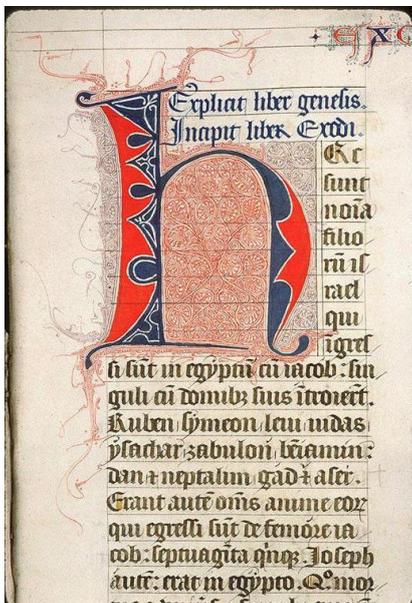
Segundo o *Diccionario Popular - Historico, Geographico, Mytologico, Biographico, Artistico, Bibliographico e Litterario*, dirigido por Manoel Pinheiro Chagas, abecedário é livro de aprendizado da leitura, faz referência a alfabeto, sendo essas duas definições recorrentemente usadas como sinônimos. Contudo, o abecedário constitui um arranjo de letras, uma coleção, sendo essa a principal distinção. As letras de um alfabeto podem variar em diferentes idiomas e, independentemente disso, a coleção das mesmas constitui um abecedário. Souza (2015), em seus estudos sobre a história da escrita afirma que

abecedário é um desdobramento da noção de alfabeto. Alfabeto como conjunto de caracteres que compõem um sistema de escrita, que adota como referência a relação entre grafema/fonema. E abecedário como impresso cujo objetivo é proceder à didatização de cada uma e todas as letras do alfabeto com vistas ao ensino e aprendizado da leitura e da escrita. (SOUZA, 2015, p. 13)

Conhecemos hoje o abecedário como ferramenta de ensino da cultura escolar moderna, porém sua origem data desde o surgimento dos sistemas de escrita do alfabeto latino. Segundo o apanhado histórico sobre os abecedários realizado por Stephanou e Souza (2016),

na Idade Média, por exemplo, eram usadas letras capitulares, reproduzidas manualmente de maneira artística, em manuscritos religiosos feitos pelos monges copistas. Sendo a primeira letra que iniciava um texto ou a linha de uma frase, as capitulares apresentavam atributos estéticos e artísticos, com muitos adornos, ilustrações e ornamentos coloridos, atraindo a atenção e o interesse do público. Reunindo os caracteres do alfabeto demonstravam-se os primeiros esboços de um abecedário, onde eram representados em conjunto como motivo decorativo em tapeçarias, arte difundida com destaque durante a Idade Média, e que recobria paredes, assim como o abc das árvores genealógicas para memória das nobres linhagens familiares.

Figuras 1 e 2: A esquerda, Capítular ilustrada num manuscrito medieval | Fonte: *Bibliothèque virtuelle des manuscrits médiévaux (BVMM)*. A direita, Capítular ilustrada num manuscrito medieval | Fonte: *Biblioteca Municipal de Auxerre*.



Fonte (figura 1): *Bibliothèque virtuelle des manuscrits médiévaux (BVMM)*. Fonte (figura 2): *Biblioteca Municipal de Auxerre*.

Com o avanço das tecnologias e das revoluções religiosas, como a criação da imprensa de Gutenberg e a Revolução Protestante, fez-se possível uma maior reprodutibilidade de materiais impressos, o que propiciou a propagação de conhecimentos escritos e suas leituras.

Assim, embora lento, o desenvolvimento em relação à alfabetização no século XVI foi agregado à evangelização e à colonização. Durante o Renascimento europeu, devido ao crescimento das trocas comerciais e ascensão da burguesia, o imperialismo expande-se por meio das grandes navegações, desbravando novas terras, como a América, expandindo os domínios dos reinos europeus e da Igreja Católica.

Para proteger a fé cristã diante do crescente protestantismo, aconteceram intensas missões religiosas com o objetivo de catequizar e colonizar os povos nativos que aqui se encontravam, surgindo as primeiras escolas para ensinar a ler e escrever as línguas dos colonizadores. Mas o desenvolvimento foi lento, sendo durante muito tempo ainda, o ensino da alfabetização na sociedade europeia feito por mestres que administravam aulas particulares aos filhos da aristocracia na esfera privada de suas próprias casas.

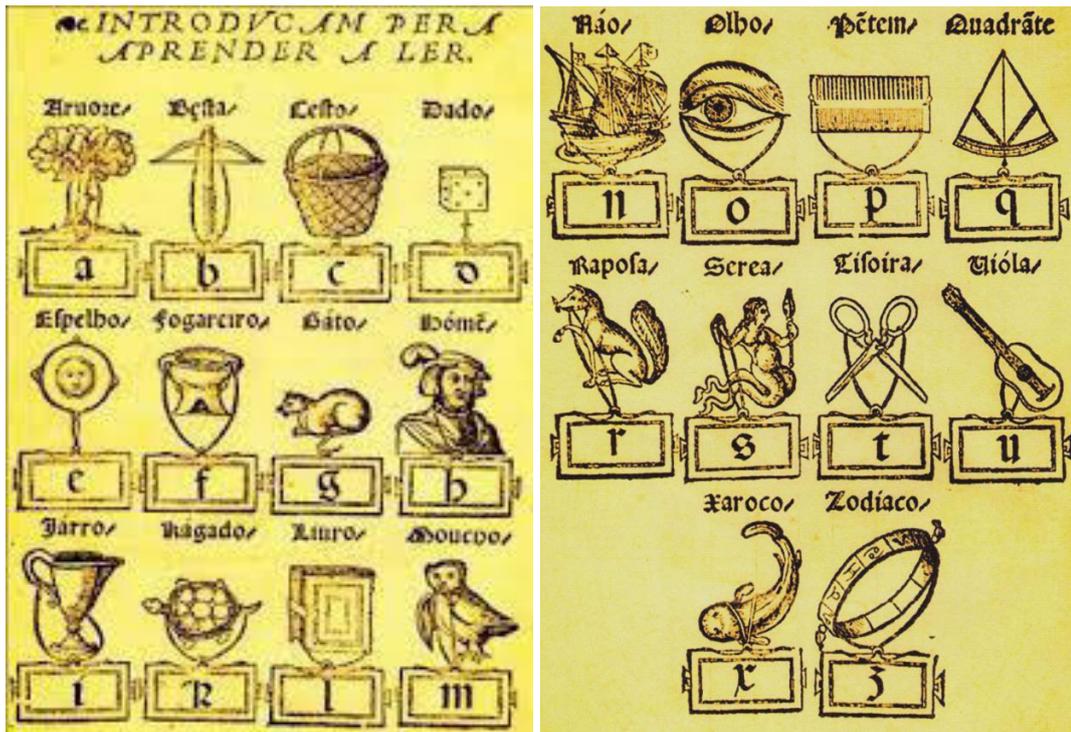
Fazendo um recorte em relação ao ensino da língua portuguesa: no século XVI, é editada, em Lisboa, por Luís Rodrigues, *A Gramática da Língua Portuguesa*, na qual João de Barros, historiador e pedagogo, procura normatizar a língua portuguesa. Essa publicação fundamentalmente humanista e cristã, além de estruturar o idioma, servia como ferramenta de catequização, contendo as principais orações cristãs e conceitos morais em forma de diálogos. João de Barros se destaca na produção da Gramática pela elaboração de sua obra *A Cartinha para Aprender a Ler*, onde desenvolve uma metodologia de ensino da alfabetização por meio de um abecedário ilustrado.

A doutora em *Langues, Littératures, Civilisations Romanes*, Véronique Le Dü da Silva (2003, p.22) descreve tecnicamente a obra de João de Barros

A Cartinha para Aprender a Ler de João de Barros, primeiro grau do saber lingüístico, é um compêndio de 69 páginas formado por um alfabeto ilustrado de vinte e duas letras, um alfabeto onde se incluem “algumas letras dobradas” (BARROS,1539) de trinta e uma letras, uma roda silábica, um silabário e as principais orações cristãs. Enquanto se aprende a soletrar as letras aprende-se a rezar.

Silva (2003, p.24) também afirma que, na contramão das outras publicações de ABC da época, o abecedário de João de Barros salta aos olhos e se destaca por sua ordenação alfabética que estrutura as ilustrações. Tal material é rico visualmente, o que seduz o aluno e o evoca prazer na aprendizagem da palavra a qual cada ilustração faz referência.

Figura 3 e 4: Abecedário da Cartinha João de Barros (cópia do século XVIII)



Fonte: Cartinha para Aprender a Ler, cópia do século XVIII, pertencente à Biblioteca Mário de Andrade em São Paulo.

Em sua análise sobre o abecedário ilustrado, Silva (2003, p.24) afirma que as ilustrações e conceitos utilizados por João de Barros estão diretamente ligados aos princípios humanistas e cristãos do momento das grandes navegações. A escolha por representar esses elementos que fazem ligação a cada letra do alfabeto tem o intuito de repassar a visão e compreensão desse novo mundo, além do imaginário português através do seu aprendizado. O alfabeto começa pela letra A, representada por uma árvore, fazendo alusão a terra, ao plano material. No centro das 22 letras representadas por João de Barros encontramos a letra L, representada por um livro fechado, mostrando que o conhecimento é o meio de acesso à elevação espiritual e dignificação dos homens, já que finaliza o alfabeto com a letra Z representada pelo zodíaco, que faz alusão ao céu e o plano espiritual, sendo essas escolhas estratégicas justificadas na análise de SILVA (2003, p.26), concluindo que:

Nestes três símbolos, comuns ao Renascimento, já podemos afirmar que o céu (o zodíaco) e a terra (a árvore), estando nas pontas do alfabeto, sugerem a ideia de união (união entre a terra e o céu = a Criação). O alfabeto é uma ordem infinita e circular. Ora, a composição das letras entre si é infinita, as letras compõem as palavras, e as palavras exprimem sentidos, e os sentidos levam ao conhecimento.

Além disso, signos marítimos são apresentados no abecedário, como na letra N, representada por um navio, ou pela letra S, representada por uma sereia, elemento da mitologia

marítima. Portanto, conseguimos concluir que, além do ensino das primeiras letras, o objetivo de João de Barros ao ilustrar esse abecedário foi de transmitir gradualmente conhecimentos de maneira objetiva e subjetiva, por meio da representação de um repertório de signos que compunham o imaginário moral e social português renascentista.

Em análise da obra de Carrete e Péron, Stephanou e Souza (2016, p. 305) resgatam um apurado histórico que consta a utilização do abecedário na França como uma ferramenta de aprendizagem desde o século 15. “Registram, ainda, que no século 18, houve autores que desejavam renovar os antigos métodos de educação e propunham que o estudo se tornasse mais fácil e atraente” (STEPHANOU; SOUZA, 2016, p. 305). No século 19, por sua vez, não foram percebidos um conjunto expressivo de inovações, embora a partir de então, houve um embelezamento dos abecedários, agregando imagens e ilustrações complementando as formas da ferramenta mais tradicionais.

Dessarte, o abecedário, que atualmente está associado à história da escolarização, não pode ser reduzido apenas a uma ferramenta de ensino. Ao longo dos séculos, sua funcionalidade se modificou de acordo com as necessidades de cada sociedade e época, passando de adornos decorativos, produções artísticas, registros de genealogias, até chegar ao ensino da escrita. Além disso, como nos revelou João de Barros, o abecedário é ferramenta de repasse de valores culturais por meio da educação básica, onde se ensinam as primeiras letras associadas à introdução de signos culturais. Portanto, tendo em vista isso, justifica-se a escolha do abecedário como mídia e produto na elaboração deste projeto experimental em comunicação, pelo seu caráter lúdico, simplificado e didático para introduzir conceitos primários.

Contudo, a criação de ferramentas de conhecimento, neste caso, vinculadas a uma estética e comunicação visual, sempre esteve vinculada na manutenção das ferramentas de poder. João de Barros ao desenvolver o abecedário ilustrado reforçou a hegemonia portuguesa e o imperialismo das grandes navegações. Além disso, o abecedário foi usado como ferramenta de dominação sobre os povos colonizados no processo de aprendizado da língua portuguesa, que logo seria a única língua aceita no território brasileiro enquanto colônia portuguesa. Portanto, o projeto de abecedário desenvolvido neste trabalho visa subverter as lógicas de dominação e propor uma *queerização* do design dessa ferramenta de ensino básico.

*Queerizar* é um neologismo proposto por Denise Portinari, doutora em psicologia pela PUC-Rio. Segundo ela, *queerizar* é desviar, entortar, desconfigurar, transmutar, tornar estranho o que parecia familiar. “É muito mais uma atividade crítica do que uma metodologia, mas pode ser explorada em seu potencial (contra)metodológico, especialmente no âmbito da pesquisa acadêmica” (PORTINARI, 2017, p. 1-19). O termo *queer* tem origem na língua

inglesa e está intrinsecamente vinculado à comunidade LGBTQ+, sendo atualmente usado como um termo guarda-chuva para tal. Porém, sua pluralidade de sentidos ultrapassa esse uso. *Queer* não possui uma definição exata, contudo, Louro (2004, p.30) afirma que

*Queer* é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante - homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. *Queer* é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina.

Assim, o ‘ABC LGBTQ+’ aqui proposto encontra na teoria queer um alicerce para apropriar-se da ferramenta do abecedário e ensinar narrativas silenciadas e apagadas pela hegemonia cis-heteronormativa da nossa sociedade.

Na elaboração do ‘ABC LGBTQ+’, a estética de cada tipo é pensada com o intuito de traduzir visualmente o conceito de cada palavra relacionada à letra. No design, a estética também é ferramenta de poder, tendo essa análise sido elaborada pós-revolução industrial por Terry Eagleton, em seu livro *Ideologia da Estética* (1993). Ele afirma existir uma estetização do poder, na qual essa qualidade apresenta-se como privilégio do modo de vida e ideologia burguesa. Em seus estudos, Terry analisa a história da estética, elencando o surgimento de pensamentos a respeito desse conceito na Alemanha do século XVIII, onde filósofos como Baumgarten a classificam como uma forma de conhecimento inferior à razão, mas tão necessária quanto. Dessa forma, a razão seria uma forma suprema de conhecimento, sendo a estética subalterna e correlata a esta primeira. Ele afirma em seus estudos que “a construção da noção moderna do estético é assim inseparável da construção das formas ideológicas dominantes da sociedade de classes moderna” (EAGLETON, 1993, p.8), na qual para manter a coesão social, as camadas dominantes utilizam da estética como forma de dissolver as normas e conceitos ideológicos hegemônicos em hábitos, crenças e sensibilidades naturalizadas, de uma maneira que não soem como imposições, mas, sim, que seja algo prazeroso de ser assimilado. Sobre essa estetização do poder como método de dominação através do sensível, Eagleton conclui que:

A ética, Hegel observa na *Filosofia do direito*, aparece não como a lei mas como o costume, uma forma habitual de agir que se torna uma “segunda natureza”. O costume é a lei do espírito da liberdade; o projeto da educação é mostrar aos indivíduos o caminho para um segundo nascimento, convertendo a “primeira” natureza de apetites e desejos, numa segunda, espiritual, que se tornará então costumeira para eles. Não mais cindido entre o individualismo cego e o universalismo abstrato, o sujeito renascido vive sua existência, podemos dizer, esteticamente, de acordo com uma lei que está agora inteiramente de acordo com o seu ser espontâneo.

Em vista disso, dois ramos da estética serão abordados nesse trabalho: o sentido de introduzir conceitos por meio de uma maneira estética, utilizando no ‘ABC LGBT+’ recursos visuais e lúdicos de assimilação de novas ideias propostas por meio de uma didática mais atrativa e aderente, visando assim contribuir para a mudança da mentalidade hegemônica cis-heteronormativa da população geral em relação a comunidade LGBT+. Por outro lado, também é utilizado o conceito de estética no debate com relação a produção de conhecimento atrelada às instituições de poder e como a relação das escolhas de representação estéticas, visuais e relacionadas ao design estão diretamente ligadas à reprodução e continuação da hegemonia de poder, utilizadas como ferramentas de coesão da ordem social. Portanto, a proposta deste abecedário aspira uma queerização dessas ferramentas de comunicação visual e manutenção de poder.

Em seus estudos sobre *Queerizar o design* (2017), Portinari analisa a abordagem de Adrian Forty (2007) no livro *Objetos do Desejo*, chegando à conclusão de que, pensado o design “como um processo social voltado para a produção de bens e serviços, somos levados a considerar também a sua atuação na materialização de ideologias, imaginários e relações sociais.” (PORTINARI, 2017, p. 9) Desse modo, é possível identificar o design como ferramenta utilizada na reprodução de padrões hegemônicos, evidenciando a diferenciação de gênero, idade e classe social. Em sua análise da obra de Forty, Denise Portinari afirma que:

Através da análise de diferentes objetos - como os catálogos de venda postal de bens de consumo na virada do século XX, a produção de mobiliários e decorações destinados a configurar o novo espaço caseiro do “quarto das crianças” no século XIX, e os processos de padronagem de tecidos para a produção de peças de vestuário destinados ao consumo de diferentes classes sociais – evidenciam-se os modos de categorizar, de “encarnar” e de naturalizar as diferenças entre homens e mulheres, adultos e crianças, patrões e empregados.

Assim, faz-se necessário levantar os questionamentos: *quem produz o design? para quem o produz? com que fim o produz?* Buscando responder tais questões, depara-se novamente com a contraposição de hegemonia e *queer*. Visto que já foi abordado o conceito de *queer*, agora para conceituar a hegemonia, apoiado nos estudos sobre design visual na dinâmica da cultura de Queiroz e Villas-Boas (2020, p.2), pode-se afirmar que:

A categoria de hegemonia, elaborado por Antônio Gramsci e aplicável às sociedades capitalistas democráticas, consiste no objeto de disputa de sentidos no qual uma classe ou fração de classe se faz socialmente dominante por meio de mecanismos culturais para editar e inculcar um senso comum, constantemente renovado, que se estabelece na experiência cotidiana como um sistema que tenciona tornar “natural” concepções historicamente construídas.

A hegemonia impacta a todos e todas as áreas, porém, de maneira desigual. Em seu estudo publicado em formato de zine digital, *WHAT IS QUEER TYPOGRAPHY?* (2021), o designer gráfico, artista e educador americano Paul Soulellis afirma, como matriz da dominação<sup>3</sup>, o heteropatriarcado, o capitalismo, a supremacia branca e o colonialismo. Segundo ele, “essa matriz produz particulares encargos e privilégios que determinam quem terá sucesso e quem não terá — quem não será incluído, quem não será publicado, quem não será escrito na história. Quem será classificado como Outro, quem será classificado como falho”<sup>4</sup> (SOULELLIS, 2021, p.4 — tradução livre). Exemplificado muito bem em recente discurso da cantora Linn da Quebrada em sua participação na 22ª edição do *reality show* Big Brother Brasil (BBB), em que a mesma afirma ser o fracasso de tudo aquilo que esperavam que dela: “Não sou homem, nem sou mulher, sou travesti.” E assim vão sendo escritas as narrativas e vivências *queer*: na marginalidade e na contraposição da hegemonia cis-heteronormativa.

Desse modo, levando em conta o pensamento de Villas-Boas, ele afirma que “o design é um discurso, e como tal espelha a condição cultural na qual e para a qual foi concebido ao mesmo tempo em que contribui para produzir, realimentar ou transformar esta mesma condição cultural [...]” (VILLAS-BOAS, 2009, p.21 – grifos do autor). Portanto, a criação no design participa umbilicalmente das lógicas do sucesso, reforçando padrões e comportamentos, como por exemplo, “as formas rosas para as meninas, com sua implicação para as concepções de gênero” (VILLAS-BOAS, 2020, p.32-33).

Assumindo tal perspectiva, desenvolver um projeto em design visual torna-se um desafio, um confronto, um combate entre os modos de fazer, significar e interpretar. É um enfrentamento ético numa inquietação estética. Torna-se um caminho incerto o da criação, no decorrer do qual o caminhante tem de se colocar em risco. [...] nós, designers, vivemos diante de uma saturação de soluções – acriticas e dadas sobretudo como funcionais – que fazem com que a atividade projetual não transforme, mas conserve; não imagine e crie, mas repita e reforce. (QUEIROZ, VILLAS-BOAS, 2020, p.5)

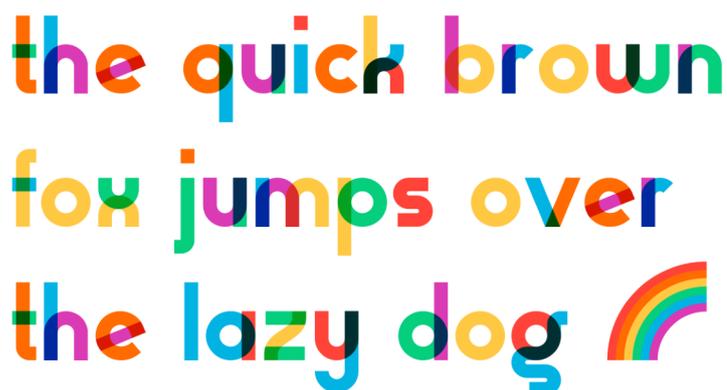
O poder hegemônico encontra-se também em pequenos detalhes estéticos que, para alguns, podem passar despercebidos. Entretanto, cada escolha de recursos gráficos e visuais possui uma intenção comunicativa, “uma vez que a tipografia é a forma visual de uma linguagem verbal, o aspecto e a configuração desta forma visual influenciam diretamente a

<sup>3</sup> Termo criado por Patricia Hill Collins em sua publicação *Black Feminist Thought* (1990)

<sup>4</sup> "The matrix of domination produces particular burdens and privileges that determine who gets to succeed. As well as who doesn't — who isn't included, who isn't collected in the archive, who is not written into history. Who is labeled as Other, who is dismissed as failure."

maneira como essa linguagem é percebida”.<sup>5</sup> Em seus estudos sobre tipografia *queer*, Soulellis (2021) afirma que o mercado tipográfico — o negócio de fazer e vender fontes<sup>6</sup> (2021, p. 4 — tradução livre) — está vinculado ao capital, portanto, “no cerne da tipografia, como tem sido ensinada e praticada por séculos, está o controle, a precisão, a preservação de padrões e a ideia da perfeita legibilidade”<sup>7</sup> (SOULELLIS, 2021, p.6 — tradução livre). Reforçando essa ideia, Luciano Cardinali afirma em seu livro *A tipografia customizada como elemento identitário em sistemas de identidade visual* que “naturalmente, aqueles grupos dotados de maior eficiência na fabricação e distribuição de tipos (e seu design) têm mais chances de impor seus modelos a outros grupos e influenciar a cultura destes” (CARDINALI, 2015, p.27). Sendo assim, Paul Soulellis propõe refletir sobre as manifestações *queer* dentro do meio tipográfico analisando algumas produções feitas por coletivos LGBTQ+, encontra-se alguns exemplos: levando o nome do criador da bandeira LGBTQ+ (Gilbert Baker), a fonte Gilbert foi criada, em 2017, após o falecimento do ativista e artista LGBTQ+, com o intuito de homenageá-lo. A iniciativa partiu das organizações *NewFest* e *NYC Pride* em parceria com o serviço de software tipográfico *Fontself*, criando uma tipografia gratuita inspirada na icônica bandeira com as cores do arco-íris.

Figura 5: Frase “The quick brown fox jumps over the lazy dog” escrita com a fonte Gilbert



the quick brown  
fox jumps over  
the lazy dog

Fonte: *Type With Pride* (<https://www.typewithpride.com/>)

<sup>5</sup> CARDINALI, Luciano. *A tipografia customizada como elemento identitário em sistemas de identidade visual*. Um estudo sobre o desenvolvimento de fontes digitais personalizadas. São Paulo, 2015.

<sup>6</sup> “the business of making and selling fonts”

<sup>7</sup> “At the core of typography, as it’s been taught and practiced for centuries, is control, precision, preservation of standards, the idea of perfect legibility.”

Para Soulellis, esta tipografia pode ser interpretada como um “orgulho corporativo”, questionando se realmente seria uma expressão de design *queer*, levando em conta quem a criou e a sua estética e legibilidade, que, segundo ele, estão dentro de um padrão estético hegemônico formal. “A participação nestas lógicas de sucesso exige legibilidade. A leitura clara e a organização de corpos e identidades que levam à previsão; modelos preditivos que levam ao policiamento; e modos de vigilância que aceleram e envolvem todos os aspectos de nossas vidas”<sup>8</sup> (SOULELLIS, 2021, p.14 — tradução livre). Consegue-se assim definir uma relação entre *queer* e a legibilidade, de modo que se identifica uma lógica nas expressões *queer* que estão associadas a linguagens secretas e códigos, sendo a legibilidade uma forma de dominação sobre esses grupos marginalizados.

Em um sentido mais prático, porém muito mais subjetivo e impalpável, o aspecto visual de uma tipografia e o efeito de sua percepção criam uma resposta emocional no leitor. Essa relação tem ligações com a legibilidade e com os fatores internos e externos que atuam sobre ela, influências culturais e idiomáticas e outras condições ainda mais particulares de um grupo de indivíduos. (CARDINALI, 2015, P. 70)

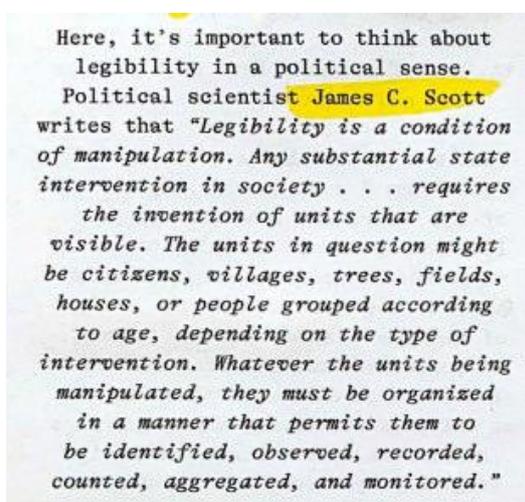


Figura 6: Trecho retirado do zine WHAT IS QUEER TYPOGRAPHY? (2021). Tradução livre: *Aqui, é importante pensar sobre a legibilidade em um sentido político. O cientista político James C. Scott escreveu que “Legibilidade é uma condição de manipulação. Qualquer intervenção estatal substancial na sociedade... requer a intervenção de unidades visíveis. As unidades em questão podem ser cidadãos, aldeias, árvores, campos, casas ou pessoas agrupadas de acordo com a idade, dependendo do tipo de intervenção. Quaisquer que sejam as unidades que estão sendo manipuladas, elas devem ser organizadas de forma a permitir que sejam identificadas, observadas, registradas, contadas, agregadas e monitoradas.”*

Quando questionado sobre o que pensa a respeito de design *queer*, o *type designer* Robin Mientjes respondeu: atitude. “E acredito que isso agrupa muito do que *Queer* significa: uma atitude na face da conformidade, uma atitude em um mar de passividade, uma atitude de dizer ‘sim’ quando outros dizem ‘não’”.<sup>9</sup> Seguindo essa ótica, o fator *queer* pode ser encontrado

<sup>8</sup> "Participation in these logics of success demands legibility. The clear reading and gridded organizing of bodies and identities that leads to prediction; predictive models that lead to policing; and modes of surveillance that accelerate and engage with every aspect of our lives."

<sup>9</sup> Trecho da entrevista encontrada na publicação WHAT IS QUEER TYPOGRAPHY? (2021, p. 6-7): "And I think that covers a lot of what queerness means: an attitude in the face of conformity, an attitude in the sea of passivity, an attitude to say yes when others say no."

em designs que têm o objetivo de provocar, questionar e protestar a respeito do *status quo* hegemônico.

Durante as décadas de 1980 e 1990, a abjeção e o preconceito em relação à comunidade LGBTQ+ se intensificaram por conta da epidemia do vírus da imunodeficiência humana (HIV), sendo considerado uma ‘peste gay’ (Documentário *Carta para Além dos Muros*, 2019) na perspectiva massiva da sociedade. Assim, como já observado por Adorno e Horkheimer (1985), em períodos de repressão, ocorre uma alta de movimentos de contracultura e expressão das camadas marginalizadas e oprimidas, originando produções autônomas e autênticas. Soulellis (2021) resgata algumas publicações desse período histórico produzidas por pessoas trans, pretas e latinas que participavam da cena *ballroom* nos subúrbios norte-americanos. Na figura 7 é possível identificar alguns *flyers* que foram usados para divulgar os *balls*, que consistiam em bailes onde aconteciam competições em distintas categorias — performances de dança, desfiles, concursos de beleza e moda — disputadas, principalmente, por pessoas transexuais e suburbanas. Ao analisar essas produções, Paul Soulellis (2021, p.11) afirma:

Elas [pessoas trans pretas e latinas] sugerem narrativas de desejo e fuga, brincando livremente com a cultura pop e símbolos familiares do poder de consumidor, como um anúncio da Tiffany's ou um playbill da Broadway, ou um frasco de perfume Obsession, mas moldado em seus próprios termos” (SOULELLIS, 2021, p. 11, tradução livre).<sup>10</sup>

Portanto, a apropriação da estética da cultura pop e de elementos de luxo, sendo estes espaços que excluía e apagava a existência dessa comunidade LGBTQ+, pode ser interpretada como um artifício de protesto e resistência por meio da seleção de referências e uso dessa comunicação visual.

---

<sup>10</sup> "They suggest narratives of desire and escape, playing freely with pop culture and familiar symbols of consumer power, like and ad for Tiffanys or a Broadway Playbill, or an Obsession perfume bottle, but shaped on their own terms."

Figura 7: Páginas do zine WHAT IS QUEER TYPOGRAPHY (2021), com alguns exemplos de impressos feitos por grupos LGBT+ de pessoas negras e latinas nos Estados Unidos na década de 80 e 90.



Fonte: WHAT IS QUEER TYPOGRAPHY (Paul Soulellis, 2021)

Simultaneamente no Brasil, também começaram a circular algumas produções de impressos LGBT+ como o *Lampião da Esquina*, “primeiro jornal homossexual do país, destacando o período de resistência dos movimentos sociais à ditadura e a ascensão da imprensa alternativa” (CASTRO, FONSECA, 2021, p. 27). Seguido pela criação do boletim *ChanacomChana*, “uma publicação independente realizada por ativistas lésbicofeministas de São Paulo, integrantes do GALF, entre elas Miriam Martinho e Rosely Roth” (FERNANDES, LISSA, RODRIGUES, 2020, p. 74). Ambas as publicações iam na contramão da imprensa hegemônica, abordando temáticas do universo LGBT+, do feminismo e de outras pautas de movimentos sociais marginalizados e protagonizados por minorias, sendo fundamentais no fortalecimento e na divulgação desses ideais.

O *Lampião da Esquina*, por exemplo, utilizou um design editorial irreverente e vanguardista como recurso de protesto e expressão, em que “observou-se um uso amplo de variações de famílias tipográficas, a mescla de uma linguagem formal para os assuntos densos

e construções informais e bem-humoradas para quebrar tabus” (CASTRO, FONSECA, 2021, p 27).

Figura 8: Compilado de capas do boletim ChanacomChana publicados pelo grupo GALF (Grupo de Ação Lésbica Feminista, 1981 - 1990)



Fonte: Imagens retiradas do artigo *Boletim ChanacomChana e a transformação do silêncio em linguagem e em ação: ativismo lésbico-feminista na imprensa independente*

Figuras 9 e 10: Capas de 2 edições do jornal *Lampião da Esquina* veiculadas no Rio de Janeiro em 1981 (figura 9) e 1979 (figura 10).

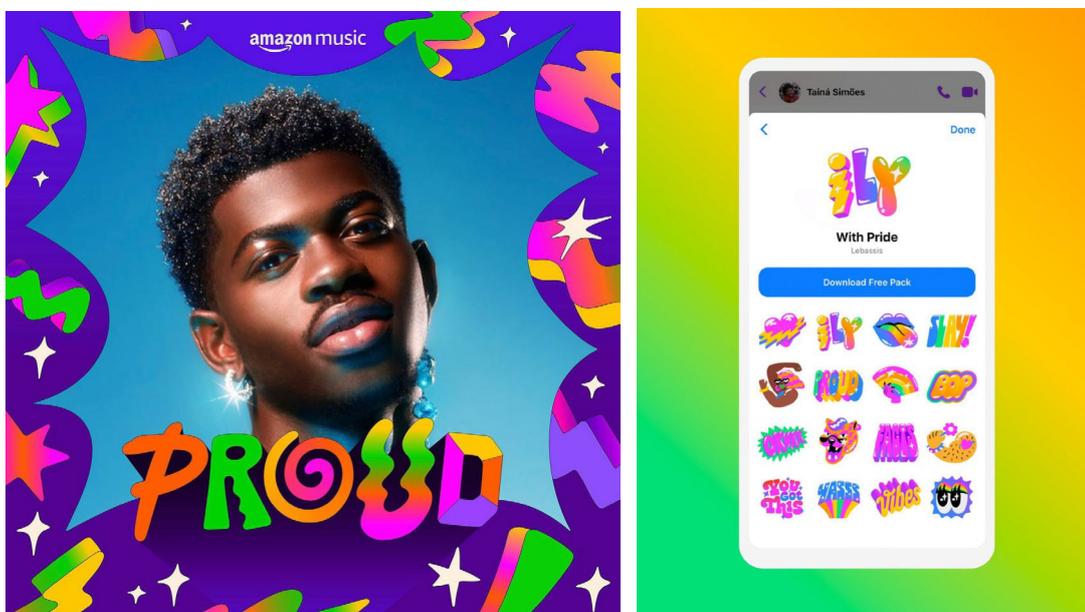


Fontes: Imagens retiradas do site *tropicuir arquivo transviado* (<https://www.tropicuir.org/lampiao-da-esquina/>)

Essas produções gráficas foram extremamente relevantes tanto por abrir espaços para que mais pessoas LGBTQ+ pudessem produzir e criar sua própria comunicação visual, bem como serviram de inspiração e referência até os dias atuais. Novas ferramentas e técnicas foram surgindo com os avanços da internet e dos programas de manipulação digital, assim como a demanda por projetos que seriam classificados por Soulellis (2021, p.6) como ‘corporativismo queer’, devido ao caráter capitalista que essas produções assumem. Contudo, essa inclusão da pauta LGBTQ+ em espaços antes não ocupados em veículos de comunicação hegemônica é muito importante, para que possa ser naturalizada a presença e a voz de pessoas LGBTQ+.

O premiado designer brasileiro Leandro Assis, cujo nome está presente na importante lista Forbes Under 30 do ano de 2020, atualmente é considerado referência na área do *lettering* e da tipografia digital. Tendo trabalhado com grandes marcas como *Mc Donald's*, *Nike*, *Youtube*, *Facebook*, *SnapChat* e *Instagram*, por ser um homem preto e gay, ele coloca sua personalidade e suas pautas sociais em seus designs, sendo esse um dos principais motivos do seu sucesso e o porquê de ser tão requisitado. Leandro utiliza em seus layouts digitais cores vibrantes, tipografias fluidas e divertidas, ilustrando de forma lúdica signos e elementos pertencentes à comunidade LGBTQ+, como exemplificado nas figuras 11, 12 e 13.

Figuras 11 e 12: A esquerda, *letterings* desenvolvido por Leandro Assis para a *Amazon Music*, assinando a identidade visual da campanha *Amazon Pride 2021*. A direita, figurinhas digitais desenvolvidas por Leandro Assis para o *Facebook* com temática LGBTQ+ em 2021.



Fontes: Imagens retiradas do site do designer Leandro Assis (<http://lebassis.com/>)

Figura 13: Figurinhas digitais desenvolvidas por Leandro Assis para o *Snapchat* com temática LGBTQ+ em 2020.



Fontes: Imagens retiradas do site do designer Leandro Assis (<http://lebassis.com/>)

Após analisar algumas das produções feitas por pessoas LGBTQ+ com as temáticas voltadas para a pauta do movimento desde a década de 1980 até os dias atuais nos Estados Unidos e no Brasil, é visível a multiplicidade de suas intenções e motivações, que antes estavam mais voltadas na contraposição da indústria cultural hegemônica. Entretanto, com o fortalecimento do movimento LGBTQ+ e a gradual ocupação de espaços de poder por parte dessa comunidade, suas pautas e signos foram sendo absorvidos e incorporados à cultura pop, visando o lucro e a fidelização do público que se vê representado nessa comunicação visual. O que de certo modo também muda a perspectiva de profissionais de design que pertencem a comunidade LGBTQ+ , que antes não havia abertura para expressar suas pautas e valores em seu trabalho de maneira remunerada, tendo agora um cenário que está demonstrando, mesmo que a passos lentos, uma fertilidade para a ascensão dessas produções.

Dessarte, o ABC LGBTQ+ classifica-se como um projeto experimental de comunicação visual com a proposição de uma estética *queer* na elaboração do seu design: desde a apropriação de uma ferramenta de ensino básico que é o abecedário, até mesmo em seu caráter estético em apresentar os 26 tipos do alfabeto latino, atribuindo um layout identitário e singular para cada letra no intuito de representar a pluralidade do movimento. Portanto, para Paul Soulellis (2021, p. 15), “não existe tipografia queer, apenas atos de leitura e escrita queer”<sup>11</sup>,

<sup>11</sup> "There is no queer typography, only queer acts of reading and writing."

assim, o legado do movimento LGBTQ+ vai sendo registrado, perpetuado e mantido vivo em resistência e existência com a realização deste projeto.

### 3. OBJETIVOS

#### 3.1. GERAL

Comunicar através de um abecedário os conceitos e elementos pertencentes ao universo LGBTQ+ para membros e não-membros da comunidade LGBTQ+.

#### 3.2. ESPECÍFICOS

- Elaborar uma iconografia que desenvolva de maneira visual a pluralidade encontrada na comunidade LGBTQ+
- Dialogar com o público de uma maneira simplificada e didática.
- Explorar diferentes técnicas de design digital na elaboração dos 26 tipos do alfabeto.
- Produzir digitalmente o abecedário e uma breve sinopse para explicar resumidamente o conceito de cada letra.
- Investigar as relações entre o design e a hegemonia nas relações de poder.
- Discutir as relações queer no universo do design tipográfico.

#### 4. METODOLOGIA

Devido ao caráter experimental prático do projeto, a metodologia principal adotada segue o livro *Pandemonium: processo criativo, experimentação e acaso* (2019, p. 1-340), no qual o autor fundamenta sua tese “nas oito fases descritas pelo professor Robert Keith Sawyer, que pesquisa os processos de criação há mais de vinte anos: "problematização", "adquirir conhecimento", "coletar informações", "incubação", "geração de ideias", "combinação de ideais", "seleção" e "exteriorização”” (LEAL, 2019, p. 18). Esse método criativo leva em consideração a subjetividade e o acaso, possuindo caráter fluido entre suas etapas, visto que a criatividade e seu processo não acontecem de maneira linear.

A primeira etapa do processo foi a formulação do problema, que iniciou pela inspiração do projeto *'36 days of type'*<sup>12</sup> como já citada inicialmente neste trabalho. O processo de criação deste projeto consiste em elaborar 26 soluções visuais para os tipos do alfabeto latino e 10 para os algarismos. Desse modo, fez-se necessário encontrar uma temática que guiasse a produção desse projeto, visto que no projeto original (*36 days of type*) existe um tema que norteia o desenvolvimento de cada letra. “Nesse caso, é um processo muito parecido com o que ocorre na arte (Sawyer, 2012), em que o artista busca e define seu próprio problema, ou seja, emerge do processo de trabalho em si” (LEAL, 2019, p.30). Desse modo, buscando nas pautas que me incluem e que defendo, surgiu a ideia de combinar a sigla LGBTQ+ com as letras do alfabeto latino, assim optando por não fazer os algarismos pois estes não encaixavam na proposta da sigla. Portanto, decidi criar um abecedário LGBTQ+ visto a carência de conhecimento de muitas pessoas sobre o significado de todas as letras que fazem parte da sigla e até mesmo de conhecer mais sobre a história do movimento e da comunidade LGBTQ+, agregando ao projeto o caráter didático que a ferramenta do abecedário apresenta.

A segunda etapa do processo foi a de pesquisar e adquirir mais conhecimentos para poder iniciar a organização de estratégias para solucionar sua execução prática, sendo essa a etapa mais extensa do processo. Partindo desse ponto, dois objetos de estudos foram definidos: o abecedário e o movimento LGBTQ+, sendo a união dos dois objetos a produção e uso do design tipográfico com temática LGBTQ+. Para poder estruturar minhas pesquisas, utilizei o método

---

<sup>12</sup> Tradução livre: 36 Days of Type é um projeto que convida designers, ilustradores e artistas gráficos a expressarem sua interpretação particular das letras e números do alfabeto latino. Uma chamada aberta anual para explorar as barreiras criativas na criação de letras, onde os participantes são desafiados a desenvolver uma letra ou número por 36 dias consecutivos, como um ato global e simultâneo mostrando suas habilidades de representar os mesmos símbolos de milhares diferentes perspectivas. Um projeto que almeja ser um espaço para criação voltada para a tipografia e suas infinitas possibilidades gráficas. (Texto retirado do site do projeto 36 days of Type)

bibliográfico que consiste em uma “pesquisa que baseia-se no estudo da teoria já publicada, assim é fundamental que o pesquisador se aproprie no domínio da leitura do conhecimento e sistematize todo o material que está sendo analisado” (SOUZA, OLIVEIRA, ALVES, 2021, p. 64). A pesquisa bibliográfica foi um passo muito importante e necessário na minha jornada durante esse processo, pois além de embasar teoricamente o projeto, me fez refletir na elaboração do design de cada letra e de cada parte do que estava sendo construído. O modo de realização da pesquisa foi de maneira online, por meio de portais acadêmicos, pesquisando livros e artigos científicos nos sites SciELO, Google Acadêmico e Repositório Institucional da UFC visando organizar o Estado da Arte em relação às pesquisas sobre as temáticas dos abecedários e do design na comunidade LGBTQ+.

Ademais, a pesquisa bibliográfica também permeou a esfera criativa da elaboração do abecedário, pois foi necessário realizar um inventário com diversos termos que houvessem coesão com o universo LGBTQ+ e que começassem cada um com uma letra do alfabeto, para que pudessem ser elaborados os layouts dos 26 tipos. A etapa de “coletar informações” do processo metodológico se assemelha com a pesquisa, visto que também houve o uso das plataformas acadêmicas citadas anteriormente, porém por tratar-se de informações menos formais, os meios majoritários de pesquisa foram mais variados contando com documentários encontrados em plataformas de *stream* (ex.: *Netflix*), entrevistas e vídeos explicativos no *Youtube*, posts informativos sobre a temática publicados no *Instagram* e reportagens em revistas não acadêmicas (ex.: Revista Galileu, Revista TPM) e em portais de notícia, e até mesmo em podcasts, como o POC de Cultura. Foi fundamental para o meu entendimento sobre a comunidade LGBTQ+ pesquisar e consumir conteúdos produzidos por membros da própria comunidade, atribuindo um caráter biográfico e um discurso de autoridade para a bibliografia da pesquisa.

Nesta etapa, após a coleta de informações sobre o tema, também pesquisei referências gráficas e visuais para construir o ABC LGBTQ+: um inventário com fotografias, imagens, signos e elementos pertencentes ao imaginário imagético da comunidade e do movimento LGBTQ+. As ferramentas de pesquisa para esse acervo de elementos foram o Google Imagens e bancos de imagem gratuitos como *Unsplash*, *Pexels* e *Freepik*.

Em seu livro, Leopoldo Augusto Leal destina um capítulo para essa fase chamando-o de “Memória”, pois em sua percepção, “a memória desempenha o papel de interligar passado e presente” (LEAL, 2019, p. 87). Desse modo, ele leva em conta em sua análise toda a trajetória que foi percorrida até chegar na elaboração desse projeto: a formação do repertório estético, bibliográfico e vivencial do pesquisador e designer em sua vida, toda a sua bagagem. Para Leal,

quanto mais boas ideias e mais bons conteúdos você tiver consumido, mais aberto e mais atento você estará para perceber soluções e ideias realmente interessantes e criativas.

A próxima etapa, chamada de incubação por Sawyer (2012), é traduzida por Leal (2019) no título de seu capítulo como “Tempo”, pois a incubação “não tem um tempo determinado e pode ocorrer em vários estágios da criação” (LEAL, 2019, p. 127). Leal (2019) divide a etapa da incubação em dois momentos: o primeiro em que se deixa o problema um pouco de lado, deixando o lado inconsciente e criativo da mente trabalhar para arranjar soluções inesperadas para o problema; já no segundo momento, nomeado de iluminação, é quando de fato emerge a solução. Essa etapa, portanto, consiste nos meus momentos de descanso e relaxamento fora da execução prática do projeto e das pesquisas bibliográficas e de referências, que ajudaram as ideias a fluírem, principalmente nas soluções visuais dos 26 tipos latinos. Foram em momentos que eu estava estagiando, conversando com meus amigos ou assistindo algum conteúdo não relacionado ao tema do projeto que me apareceram as ideias mais inesperadas e interessantes.

A quinta etapa do processo consiste na geração de ideias, que tem como objetivo pensar em uma gama de soluções para um problema. Nesse caso, o processo que estive mais ativo durante essa etapa foi o de pensar a respeito das palavras que seriam utilizadas no abecedário, pois como se trata de 26 letras que precisam de 26 pares, a amplitude de termos, expressões, identidades e nomes de membros importantes para a comunidade LGBTQ+ foram muitas, “necessitando um processo de afinamento para levar à produção de uma única resposta” (LEAL, 2019, p. 151).

Em seguida, a etapa de combinação de ideias ocorreu durante a criação e montagem das letras, feitas integralmente de forma digital, em que utilizei programas como Adobe Photoshop e Adobe Illustrator para testar diversas opções criativas, já que a ideia norteadora do desenvolvimento do abecedário foi a de que cada letra deveria ter uma identidade e um estilo diferente para traduzir a pluralidade do movimento LGBTQ+. Dessa forma, a própria ferramenta do abecedário apresenta um caráter combinatório, pois deve-se associar a cada letra um conceito, assim, foi necessário construir 26 soluções visuais diferentes, combinando os conceitos teóricos de cada elemento com a sua tradução semiótica por meio da materialização do layout de cada tipo. Paralelamente, a discussão teórica do relatório do projeto encontra-se nessa etapa. Após realizar a leitura dos textos a respeito dos temas do abecedário e do uso das tipografias com a temática LGBTQ+, foi necessário testar combinações com as informações para construir uma linha de pensamento que justificasse as motivações para a realização do ABC LGBTQ+ e qual a importância da sua realização.

Como afirma Leal (2019) em seu livro,

Muitas das grandes inovações são fruto de combinações, pois a genialidade não está somente em conceber algo totalmente do zero: está também em pegar emprestada uma tecnologia ou técnica de uma área e utilizá-la em outra; ou ainda, combinar duas tecnologias distintas, criando assim uma nova.

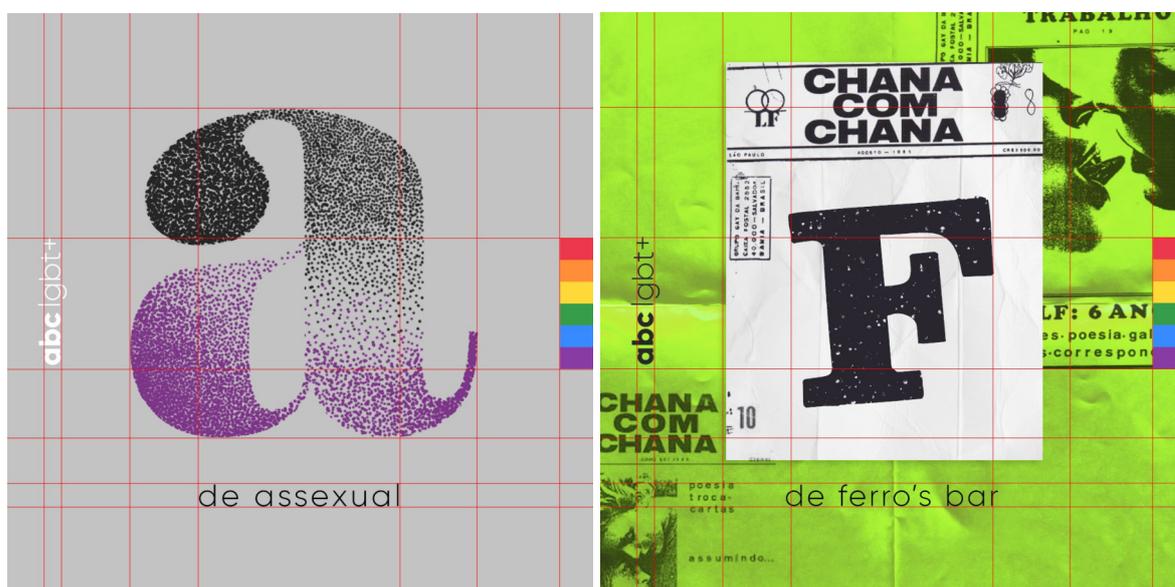
A penúltima etapa foi a de seleção, em que, partindo dos rascunhos e tentativas testados na fase de combinação de ideias, selecionei as que melhor se encaixavam nos objetivos do ABC LGBTQ+. Nesta etapa foi necessário analisar o projeto como um todo em uma visão macro, para que fossem seguidos os critérios que estabeleci em relação ao desenvolvimento do design do ABC LGBTQ+ como um todo: as cores dos fundos da arte de cada letra não poderiam se repetir, assim como o estilo de técnica utilizada em cada letra deveria ser alternado em sequência, evitando repetições de estilo em letras que estivessem muito próximas (por exemplo, na letra ‘A’ utilizei um estilo pontilista na intervenção gráfica na tipografia, já na letra ‘B’ o estilo utilizado foi o de colagem digital com imagens fotográficas, e por sua vez, na letra ‘C’ utilizei o recurso da intervenção gráfica na tipografia mesclando-a com uma colagem digital). Portanto, a partir de alguns critérios selecionei as soluções visuais que mais se adequavam ao projeto.

Para concluir, a última etapa classificada por Leal (2019) como Produção, é a hora de exteriorizar: “é poder validar uma ideia a partir do que realmente se enxerga, pois o que está na cabeça geralmente é muito diferente do que se produz no papel” (LEAL, 2019, p. 263). Leopoldo Augusto Leal (2019) afirma em sua tese que trazer uma ideia para o mundo é uma tarefa árdua, pois ao exteriorizá-la surgem diversos questionamentos acerca do seu funcionamento. Contudo, a exteriorização não acontece apenas na última etapa do processo criativo, pois ao longo do seu desenvolvimento vão sendo criadas e materializadas ideias visuais. Portanto, ao desenvolver essa metodologia foi possível concluir que “as fases do processo de criação não ocorrem de maneira linear, e constata-se que os experimentos práticos de um trabalho experimental em design podem partir de qualquer material” (LEAL, 2019, p. 291).

## 4.1. RECURSOS TÉCNICOS

Em quesitos técnicos do desenvolvimento do projeto, é importante ressaltar as escolhas estéticas adotadas. As peças do abecedário foram desenvolvidas em tamanho 1080x1080px, devido a grande utilização desse formato para artes digitais voltadas para as redes sociais. Dito isso, é importante ressaltar que alguns elementos foram selecionados para definir uma unidade gráfica para o ABC LGBTQ+, permanecendo constantes em todas as artes para cada tipo. Essa decisão foi tomada visando manter um padrão que conecta todas as letras, mesmo com suas variações de estilo e comunicação visual, o layout do projeto permanece fixo.

Figura 14 e 15: *Grid* utilizado na organização visual do projeto ABC LGBTQ+



Fonte: Peças elaboradas pelo autor.

O primeiro destes elementos que guiam o layout das peças do alfabeto é o *grid*. O conceito de *grid* (que pode ser traduzido como grade) é analisado por Jan V. White em seu livro *Edição e Design* (2006, p. 43), associando ao design editorial, ele o descreve como uma estrutura de organização espacial sistematizada, na qual aplica na divisão de colunas e distribuição das informações na página. Portanto, é possível visualizar na figura 14, a organização espacial dos elementos da peça delimitada pelas guias vermelhas. Esse mapa de guias orientou o desenvolvimento dos 26 tipos do abecedário, uniformizando a posição e o alinhamento dos elementos, bem como as margens e as áreas de respiro das peças. Contudo, em algumas peças ocorreram adequações no encaixe da letra principal devido a recursos visuais

utilizados no desenvolvimento do *layout* da peça, como por exemplo, a letra F que está posicionada dentro de um folhetim com dimensões que excedem o *grid* central (figura 15).

Figura 16: Tipografias Gilroy Light e Gilroy ExtraBold

## Gilroy Light

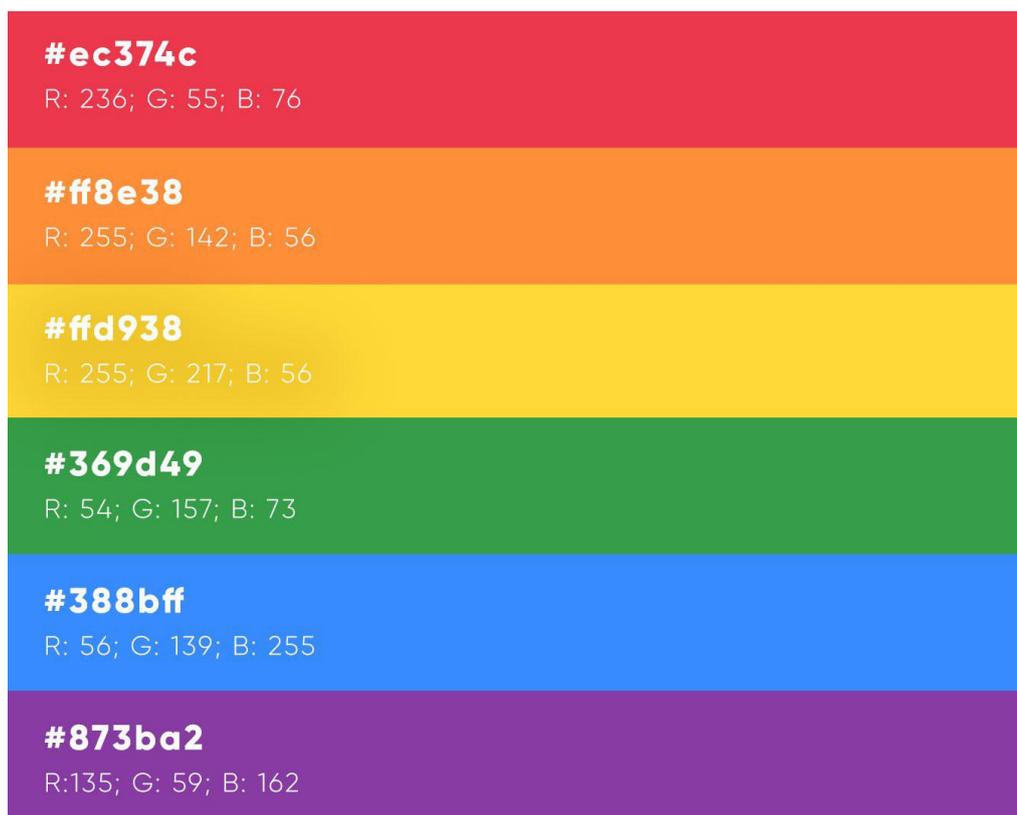
Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Jj Kk Ll Mm  
 Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu Vv Xx Ww Yy Zz  
 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9

## **Gilroy ExtraBold**

**Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Jj Kk Ll Mm  
 Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu Vv Xx Ww Yy Zz  
 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9**

Fonte: Diagrama organizado pelo autor.

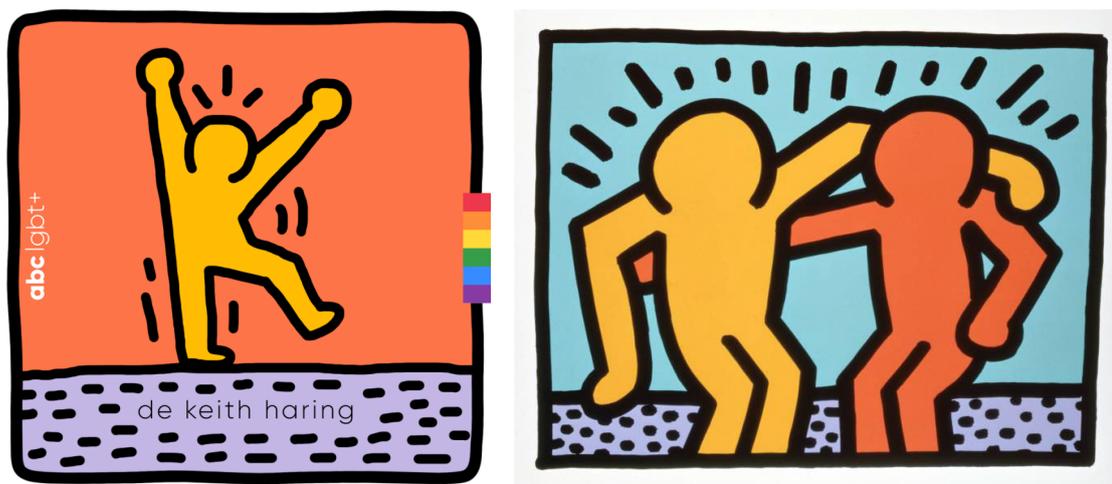
O segundo elemento do layout das peças é a fonte principal utilizada nos textos: Gilroy, com suas variações Light e Extrabold. Essa tipografia sem serifa pode ser classificada dentro das Lineais Neo-Grotesca, grupo que “reúne typefaces modernas, cheias de sutilezas, com uma maior uniformidade nos traços” (BUGGY, 2019, p. 156). Portanto, a fonte Gilroy foi escolhida visando manter uma unidade visual que fosse moderna, leve e adaptável a diferentes layouts, evitando um desconcerto ao longo do abecedário à medida que a identidade das letras fosse cambiando. No nome do abecedário — ABC LGBTQ+ — a fonte foi usada em dois pesos (Light e Extrabold) na dimensão 56,25 pt com angulação vertical de 90°, como uma espécie de *tag*, gerando contraste entre o título e os outros textos usados nas peças, com a mesma dimensão de 56,25 pt.

Figura 17: Código das 6 cores utilizadas na *tag* das peças do ABC LGBT+

Fonte: Esquema de cores organizado pelo autor.

Outro elemento que está sempre presente em todas as peças é uma *tag* formada por 6 faixas coloridas — vermelho (#ec374c; R: 236; G: 55; B: 76), laranja (#ff8e38; R: 255; G: 142; B: 56), amarelo (#ffd938; R: 255; G: 217; B: 56), verde (#369d49; R: 54; G: 157; B: 73), azul (#388bff; R: 56; G: 139; B: 255) e roxo (#873ba2; R: 135; G: 59; B: 162) — posicionada centralizada na lateral direita das peças. Essa *tag* faz referência à bandeira LGBT+ criada pelo artista norte-americano Gilbert Baker em 1978, que apesar de não ser a versão mais atual da bandeira (que inclui mais cores), essa versão com 6 cores consegue gerar a conexão visual e alusão com o movimento esperada, mas sem causar um conflito visual e forte interferência no layout das letras do abecedário.

Figuras 18 e 19: A esquerda, peça K de Keith Haring do ABC LGBTQ+. A direita, obra *Best Buddies* (1990), de Keith Haring.



Fonte (figura 18): Peça elaborada pelo autor. Fonte (figura 19): WikiArt (<https://www.wikiart.org/pt/keith-haring/best-buddies-1990>)

Por fim, foram múltiplas as referências e inspirações visuais utilizadas ao longo do desenvolvimento dos 26 tipos do alfabeto latino nesse projeto. Algumas das letras foram criadas a partir de colagens digitais de elementos, como a letra B que foi formada pela junção de recortes fotográficos de biscoitos. Outras letras foram criadas a partir de ilustrações, como a letra K, que está representada por um desenho no mesmo estilo de Keith Haring, personalidade a qual a letra faz referência. Houveram também mesclagem de técnicas, agregando novos elementos de layout a tipos já existentes, por meio de colagens digitais e intervenções gráficas, como exemplo as letras G e L. Ademais, houveram tipos de criação completamente autoral, como a letra I, que surgiu de meus próprios experimentos tipográficos.

## 5. O ABC LGBT+

Os textos de apoio que acompanham cada letra do abecedário foram pensados em uma aplicação online, servindo como legendas de *posts* nas redes sociais ou em alguma plataforma online, como um *site*. Desse modo, a linguagem utilizada é mais coloquial, contendo gírias e expressões usuais da oralidade.

### 5.1. A DE ASSEXUAL

Figura 20: A de Assexual



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Não, não é um distúrbio. Não, não foi por que eles não “fizeram direito”. E, sim, eles existem! Os aces (uma forma de chamar os assexuais) compõem 1% da população mundial e são representados pela letra A da sigla LGBTQIAP+.

A sexualidade é como uma escala de cores do preto ao branco. De um lado temos o preto, marcado pela ausência de atração sexual, enquanto no extremo oposto temos o branco, que representa a presença de atração. A assexualidade está apresentada na cor preta e em toda a área cinza desse espectro, onde é possível identificar vários tipos de assexualidade, que é uma orientação muito diversa. Além disso, ser ace não significa que eles não se apaixonam ou se

relacionam amorosamente, afinal, atração sexual é diferente de atração amorosa.

Para mais informações, conheça o coletivo ABRACE (*Instagram: @coletivoabrace*).

## 5.2. B DE BISSEXUAL

Figura 21: B de Bissexual



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: É, galera, o B do LGBTQIAP+ não é de biscoito, não! Esse B é de bissexual: aqueles que se relacionam afetiva, sexual ou emocionalmente com pessoas do mesmo gênero que o seu e de um gênero diferente. Essa definição também inclui atração física, ou seja, não é necessário consumir uma relação para ser bissexual, Bis não são indecisos, não são “promíscuos”; e não é só uma fase. Existe um amplo espectro bissexual, portanto, não existe uma única forma de ser bi. Essas pessoas não são 50% hétero e 50% homo, eles são bissexuais e pronto. Infelizmente, essa identidade ainda é muito invisibilizada e invalidada fora e dentro da própria comunidade LGBTQIAP+.

### 5.3. C DE CASA 1

Figura 22: C de Casa 1



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Localizada na região central da cidade de São Paulo, a Casa 1 é uma organização que concentra seu trabalho em três frentes de atuação: a república de acolhida para pessoas LGBTQ+ expulsas de casa por suas orientações afetivas sexuais e identidades de gênero; o Galpão Casa 1, centro cultural que conta com atividades culturais e educativas; e a Clínica Social Casa 1, que realiza atendimentos psicoterápicos, atendimentos médicos pontuais e terapias complementares. No total, aproximadamente 3.500 pessoas são atendidas mensalmente, em variados projetos. (Fonte: [casaum.org](http://casaum.org))

Iniciativas sociais como essa podem salvar diversas vidas LGBTQ+, que são muito atingidas com instabilidade e insegurança dentro de seus lares de origem, oferecendo não só uma acolhida para essas pessoas mas também oportunidades de crescimento, formação e desenvolvimento social e profissional, visando uma sociedade mais justa, igualitária e democrática. Para mais informações, acesse o site da Casa 1 ([casaum.org](http://casaum.org)) e siga o perfil no *Instagram* (@casa1) para acompanhar as ações realizadas pelo projeto.

## 5.4. D DE DRAG

Figura 23: D de Drag



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Segundo Judith Butler, filósofa e estudiosa da Teoria Queer, Drag é alguém que rompeu a barreira do gênero por um fim de performance e/ou entretenimento.

Desde os teatros gregos antigos e teatros noh (japoneses), homens se vestiam como mulheres para interpretar papéis femininos nas peças, pois elas eram proibidas de atuar, e para muitos essa é considerada uma forma precursora da arte drag.

Entretanto, foi nas periferias norte-americanas que essa arte foi tomando a forma como conhecemos hoje, que critica e satiriza os estereótipos de gênero, através dos figurinos, maquiagens, performances, canto, dança... E foi com a popularização do programa Ru Paul's Drag Race que essa forma de expressão artística explodiu na mídia popular e ganhou maior visibilidade.

E não se engane, não existem apenas Drag Queens (pessoas que se caracterizam como “mulher”), a arte drag também é composta por Drag Kings (pessoas que se caracterizam de “homem”). É importante dar visibilidade a todas essas formas de expressão. Drag não é só sobre close, carão, beleza e afins. Drag é arte, é expressão, é cultura, é resistência.

## 5.5. E DE “EI, TU É?”

Figura 24: E de “Ei, tu é?”



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Nosso E é de efeminado (ou afeminado), classificação atribuída àqueles que apresentam um modo de ser e se expressar mais feminino. Tal expressão foi criada com o intuito de diminuir e caçar principalmente de gays que performam feminilidade, por estarem envoltos em uma sociedade machista com uma alta masculinidade tóxica acabam sendo motivo de chacota e repressão dentro e fora da comunidade LGBTQIAP+.

Pois saibam que, se não fossem essas “pocs”, “mão quebrada”, “bixinhas”, “viadinhos”, e/afeminados dando a cara a tapa todos os dias e tendo coragem de expressar quem realmente são, você, gay, não possuiria grande parte dos direitos que tem hoje, por que, muitas vezes, são esses afeminados que estão na linha de frente da nossa luta.

## 5.6. F DE FERRO'S BAR

Figura 25: F de Ferro's Bar



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Considerado o Stonewall brasileiro, o levante do Ferro's Bar foi um importante marco revolucionário na história do movimento LGBTQ+ em nosso país, por ser uma das primeiras manifestações lésbica brasileira.

O cenário deste acontecimento localizava-se próximo à Avenida 9 de Julho, no centro da cidade de São Paulo. O Ferro's Bar foi um ponto de encontro de mulheres lésbicas da década de 60 à 90. Com isso, para divulgar o movimento, as ativistas lésbicas produziam um boletim chamado ChanacomChana, vendendo-o no bar. Entretanto, a venda foi proibida pelo dono do bar, sendo esse um dos motivos para a revolta.

O levante do Ferro's Bar foi organizado pelo Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF) no dia 19 de agosto de 1983, que decidiu ocupar o espaço e reagir a ataques discriminatórios, reafirmando sua existência e dignidade.

(Fontes: [aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/levante-ao-ferros-bar-o-stonewall-brasileiro.phtml](http://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/levante-ao-ferros-bar-o-stonewall-brasileiro.phtml); FERNANDES, Bruna Emanuele; LISSA, Barbara;

RODRIGUES, Rita Lages. Boletim ChanacomChana e a transformação do silêncio em linguagem e em ação: ativismo lésbico-feminista na imprensa independente, 2020)

## 5.7. G DE GAY

Figura 26: G de Gay



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: A homossexualidade masculina não é algo “dos tempos modernos”, como dizem alguns preconceituosos. Antes do “no meu tempo não tinha isso”, já havia relatos de relações entre homens desde os tempos da Grécia Antiga.

Gay, boiola, baitola, viado. Ser gay é lutar pela liberdade. Liberdade do corpo, da sexualidade, de existir. Em muitos países a homossexualidade é considerado crime, penalizado em alguns com pena de morte. E é por isso que devemos continuar lutando.

Trinta anos atrás, conseguimos que a homossexualidade fosse retirada da lista de doenças da Organização Mundial da Saúde - OMS. Depois disso, conseguimos conquistar alguns outros direitos em alguns países (por exemplo, o casamento!), mas queremos e merecemos a plenitude de direitos em todo o mundo!

## 5.8. H DE HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO

Figura 27: H de Hoje eu quero voltar sozinho



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Hoje Eu Quero Voltar Sozinho (2014) é um filme brasileiro LGBTQIAP+ dirigido, produzido e roteirizado por Daniel Ribeiro. O filme que é baseado no curta-metragem Eu Não Quero Voltar Sozinho (2010), conta a história de Leo (Guilherme Lobo), um adolescente com deficiência visual, e de sua melhor amiga Giovana (Tess Amorim), onde tudo começa a mudar em suas vidas após a chegada de um novo estudante em sua sala, Gabriel (Fábio Audi). Juntos, os três vão se descobrindo e descobrindo o mundo, sendo retratado principalmente o modo como Leo lida com sua deficiência e como ela não o limita de viver experiências como outro adolescente, por exemplo, andando de bicicleta ou viver um belo romance.

Essa obra cinematográfica brasileira retrata de maneira muito natural a questão da sexualidade e de se entender LGBTQIAP+, além de mostrar que pessoas com deficiência possuem sexualidade como qualquer outra pessoa, sendo essa pauta muito invisibilizada quando se trata de PCDs na mídia.

## 5.9. I DE INTERSEXO

Figura 28: I de Intersexo



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Nosso I é de intersexo. As pessoas intersexo são aquelas que nascem com uma ambiguidade dos dois sexos biológicos reconhecidos na sociedade (macho e fêmea), existindo 40 tipos de intersexualidade (fonte: *Buzzfeed*). Essa ambiguidade ocorre tanto por questões cromossômicas (variações do XX e do XY), quanto por questões gonadais (testículos e ovários), por hormônios, ou por genitais internos e externos. Antigamente, usava-se a palavra “hermafrodita” para designar a pessoas intersexo, porém esse termo é ultrapassado e não deve mais ser usado.

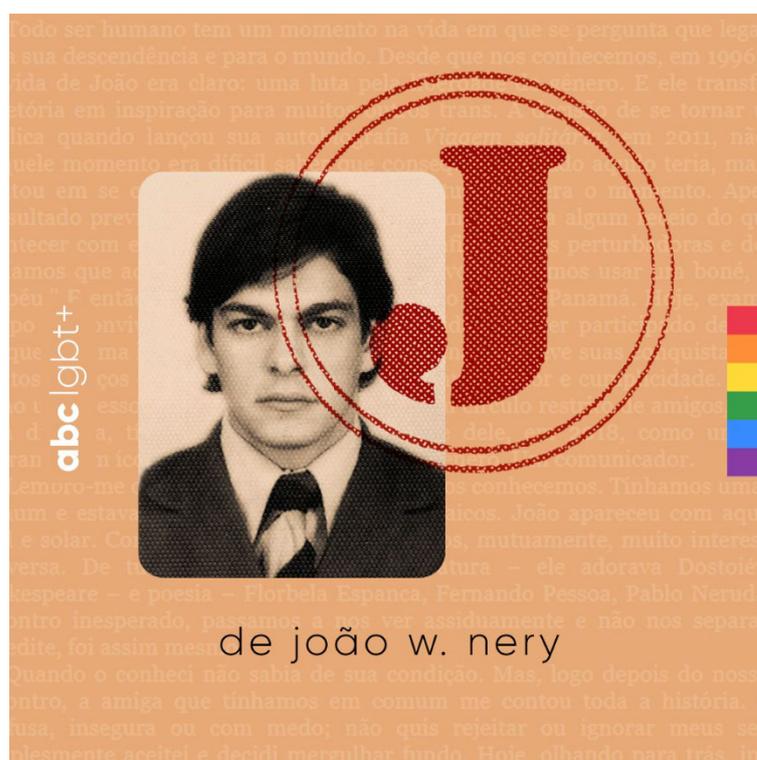
A bandeira intersexo é formada pela cor amarela no fundo, que representa as pessoas intersexo, e por um círculo roxo, que representa a completude. Quem nasce intersexo é completo e não tem partes faltando (fonte: Canal das Bee).

A luta das pessoas intersexo vai além de sua validação e visibilidade social, é pelo domínio pleno do próprio corpo e sua autodesignação de gênero, por ter o direito de ser registrado na certidão de nascimento como intersexo, e principalmente contra abusos médicos e operações compulsórias de crianças intersexo.

Para entender mais sobre a realidade e a luta de pessoas intersexo, conheçam a terapeuta ocupacional, educadora sexual e trans intersexo (Instagram: @dionne.freitas), e a ABRAI (Associação Brasileira de Pessoas Intersexo) (Instagram: @abraintersexo).

### 5.10. J DE JOÃO W. NERY

Figura 29: J de João W. Nery



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: João W. Nery, psicólogo e escritor, é o primeiro homem trans brasileiro a realizar a cirurgia de redesignação sexual. João nasceu em 1950 no Rio de Janeiro, e aos 4 anos começou a se entender como um menino em um corpo feminino. O tempo então foi se passando e ele cada vez mais foi se entendendo diferente dos outros, porém sua mãe percebendo seu comportamento “incomum” tentava “adequá-lo” ao padrão feminino.

Durante os anos 70, João entrou na faculdade de psicologia e começou a conseguir expressar sua aparência de forma mais masculina, usando a moda unissex da época a seu favor. Foi na universidade que ele teve os primeiros contatos com textos falando sobre sexualidade, e após fazer uma viagem pela Europa nesse mesmo período, João se deparou com uma revista em que havia uma matéria sobre a cirurgia de redesignação sexual. Porém o Brasil estava passando pela ditadura militar, onde esse tipo de cirurgia era considerado crime, mas mesmo

assim, João W. Nery conseguiu apoio de um profissional da saúde para realizar sua cirurgia em 1977, de maneira clandestina.

Tempos depois da cirurgia, João cometeu seu “segundo crime”, pois já que não era permitido trocar de nome e gênero em seu registro original, ele fez um novo registro (CPF), agora com sua identidade masculina, o que fez com que ele passasse a viver uma vida “clandestina”. Com isso, ele perdeu seu diploma e acabou indo trabalhar como pedreiro, pintor de paredes, e outros trabalhos que não necessitavam de um diploma.

João W. Nery faleceu em 2018 com 68 anos em decorrência de um câncer, mas deixou vivo seu legado e sua militância a favor do movimento LGBTQIAP+ em suas obras literárias “Erro de pessoa: Joana ou João”(2011), “Vidas Trans: a coragem de existir” (2017) e “Velhice transviada: Memórias e reflexões” (publicado postumamente em 2019).

### 5.11. K DE KEITH HARING

Figura 30: K de Keith Haring



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Pintor, escultor, cartunista, muralista e performer, Keith Haring nasceu em 4 de maio de 1958 no estado da Pensilvânia, costa leste dos Estados Unidos, e para muitos, tornou-se artista-símbolo da América nos anos 80. Um forte nome da arte e das

intervenções urbanas, Keith ficou conhecido por seu estilo “*doodle*” característico, além de ser um precursor na forma como começou a utilizar o espaço público como meio democrático de transmitir as suas mensagens e difundir o seu trabalho. Ele ia contra os paradigmas das galerias de arte, pois acreditava que a arte deveria ser acessível.

Keith Haring foi um homem gay ativista LGBTQIAP+ que retratou em suas coloridas artes assuntos relacionados a vida, sexualidade e em seus últimos anos, principalmente, sobre a AIDS. No final da vida, Keith dedicou sua arte para retratar os preconceitos existentes sobre pessoas soropositivas, mostrando o modo como a AIDS e o HIV eram vistos pela sociedade e como isso se relacionava com os LGBT+s.

E 1989, após descobrir que estava com AIDS, ele criou a Keith Haring Foundation para ajudar instituições que se dediquem a pessoas soropositivas e a crianças carentes. Falecendo com 31 anos, Keith deixou vivo seu legado através de sua arte, seus ideais e sua fundação que inspiram e apoiam LGBT+s até hoje.

## 5.12. L DE LÉSBICA

Figura 31: L de Lésbica



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: O nosso L, primeira letra da sigla, é todo delas: as mais apaixonadas do rolê e que tem fama de casar depois do primeiro beijo, as lésbicas. O termo “lésbica” vem do latim *lesbius*, que faz referência aos habitantes da ilha grega de Lesbos, local em que se tem o primeiro registro de uma poetisa escrevendo sobre o amor e sexo entre mulheres. Outro símbolo grego que remete a essa identidade sexual é a lábris, um machado de lâmina dupla presente na bandeira lésbica. Teorias sugerem que ele teria sido usado originalmente na batalha das mulheres *citas*, sendo uma arma normalmente utilizada em sociedades matriarcais.

Com uma história de luta política sobre sua sexualidade e seus corpos, as lésbicas enfrentaram no passado dificuldades em se aliar aos movimentos feministas e movimentos homossexuais, devido ao machismo e a sua invisibilização dentro desses movimentos. Atualmente, elas ainda continuam na luta por uma equidade de participação e representatividade dentro do movimento LGBTQ+, em paralelo com a luta contra a misoginia e o machismo em nossa sociedade de um modo geral.

Segundo as criadoras da revista brasileira Brejeiras, amar mulheres é um ato político e revolucionário, porque desloca a centralidade do patriarcado na construção da sociedade.

### 5.13. M DE MARSHA P. JOHNSON

Figura 32: M de Marsha P. Johnson



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Na madrugada de 28 de junho de 1969, Marsha P. Johnson estava na linha de frente ao lado de outras drag queens, gays, lésbicas e trans, no enfrentamento contra policiais no bar Stonewall Inn. Nascida em 1945, Marsha era uma trans afro-americana, drag queen, prostituta, modelo de Andy Warhol e, acima de tudo, tornou-se uma figura fundamental e catalisadora nos primeiros anos das lutas LGBT+s por direitos nos Estados Unidos.

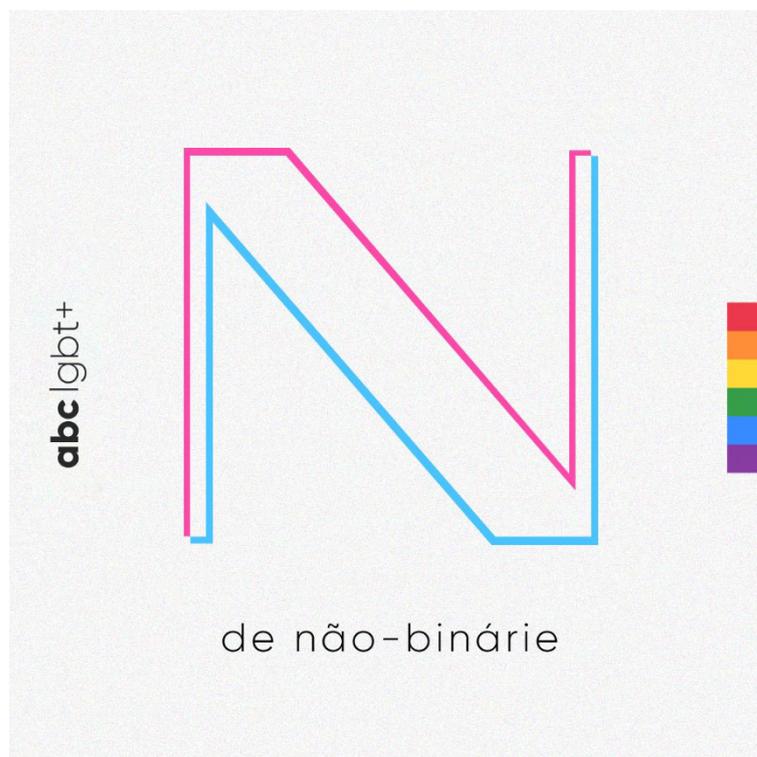
A diva do Village (bairro de Nova York) era uma celebridade na comunidade gay, andando sempre cheia de plumas e brilhos, Marsha lutava pelos direitos LGBT+s, sendo fundadora da Gay Liberation Front, um dos primeiros grupos a pedir o fim da perseguição à diversidade, na esteira dos acontecimentos em Stonewall.

A ação de Marsha foi além: preocupadas com a situação de jovens drag queens e trans que viviam nas ruas e não tinham onde morar, ela e a amiga também drag queen Sylvia Rivera criaram a Street Transvestite Action Revolutionaries (S.T.A.R.), dedicada a oferecer moradia a jovens LGBT+s.

Descrita como amável, cheia de vida, conhecida e celebrada no mundo todo, infelizmente Marsha teve um fim tragicamente comum entre os membros da sua comunidade. Em 6 de julho de 1992, seu corpo foi encontrado no rio Hudson, poucos dias depois da Parada do Orgulho Gay daquele ano. O caso foi rapidamente encerrado e registrado como suicídio. (fonte: Carta Capital).

## 5.14. N DE NÃO-BINÁRIE

Figura 33: N de Não-binárie



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Pessoas não-binárias são aquelas que vão além do gênero que lhe foi designado, e que não se encaixam nos dois gêneros definidos pela sociedade (masculino e feminino). Independente do seu visual, seja mais próximo de um gênero ou de outro não altera o fato de o indivíduo considerar que não pertence ao gênero masculino ou ao feminino.

Muitos apresentam dúvidas (e ainda há muito preconceito) sobre como se direcionar a uma pessoa não-binária, é simples: pergunte a pessoa como ela gostaria de ser tratada.

Uma alternativa é o uso da linguagem neutra, utilizada para não especificar o gênero do interlocutor. Nela, são utilizados termos como “elu” - em vez de “ele” ou “ela” - e a vogal “e” se torna recorrente nas palavras com terminologias que denotam gênero. Amigo se torna amigüe. Bonito se torna bonite, por exemplo.

Uma das estratégias para diminuir o preconceito contra as pessoas não-binárias é ensinar sobre as diferenças ainda no período escolar, diz o mestre em saúde reprodutiva e estudioso sobre a sexualidade humana, Jaime Alejandro Parra Vilarroel.

“Temos que avançar nesse assunto. É importante melhorar as estratégias de políticas públicas, legislação e educação sexual em uma idade precoce, para assim eliminar o

preconceito que existe em nossa sociedade. Assim as pessoas não-binárias poderão se expressar em todos os espaços de desenvolvimento”, assevera. (fonte: BBC Brasil).

### 5.15. O DE ORGULHO

Figura 34: O de Orgulho



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Or • gu • lho. (substantivo masculino) // Sentimento de prazer, de grande satisfação com o próprio valor, com a própria honra.

Em uma sociedade que sempre nos subjuga, nos diminui, nos marginaliza, nos mata, ser LGBTQIAP+ e ter orgulho de si e da nossa comunidade é um ato político, somos resistência, e por isso nos orgulhamos! Nos orgulhamos de nossas vidas, de nossas essências, nossos corpos, nossos amores, nossas identidades.

A palavra orgulho é usada neste caso como um antônimo de vergonha, que foi usada ao longo da história para controlar e oprimir indivíduos LGBTQIAP+. Orgulho neste sentido é uma afirmação de cada indivíduo e da comunidade como um todo. Após a rebelião de Stonewall em 69, deu à comunidade, até então marginalizada, o primeiro sentido de orgulho comum e a força para o enfrentamento das opressões de maneira coletiva. A partir da parada anual que comemorava o aniversário da rebelião, nasceu um movimento popular nacional nos EUA, e atualmente muitos países em todo o mundo celebram o orgulho LGBTQIAP+, sendo a Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo (que ocorre desde 1997) uma das maiores do mundo e que mais atrai turistas a cidade.

## 5.16. P DE PANSEXUAL

Figura 35: P de Pansexual



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: A pansexualidade é a sexualidade que não precisa de gênero para existir, mas isso não significa que ela ignore a existência deles. Ela entende que aquilo faz parte daquele ser humano, e que ele não é só aquilo, a genitália e a identidade de gênero não determinam o interesse romântico e sexual.

Existem muitos preconceitos sobre essa sexualidade para muitas pessoas, então vamos esclarecer algumas coisas: Pans não são “promíscuos” ou insaciáveis, e nem eles apenas amam e se atraem sem prestar atenção nos rótulos.

Eles não se atraem por panelas, animais, plantas ou seres inanimados, como muitos reproduzem essas “piadas” por aí. E para finalizar, existe uma ideia muito errada de que a grande diferença entre bi e pan é que pan é uma sexualidade mais inclusiva, abrangente, que “engloba” pessoas trans e não binárias, diferente da bissexualidade. Contudo, o manifesto bissexual já deixa bem claro que o gênero é fluido e não deve ser entendido como algo binário. Logo as duas sexualidades englobam a atração por todo espectro de gênero. (fonte: Mídia Ninja)

## 5.17. Q DE QUEER

Figura 36: Q de Queer



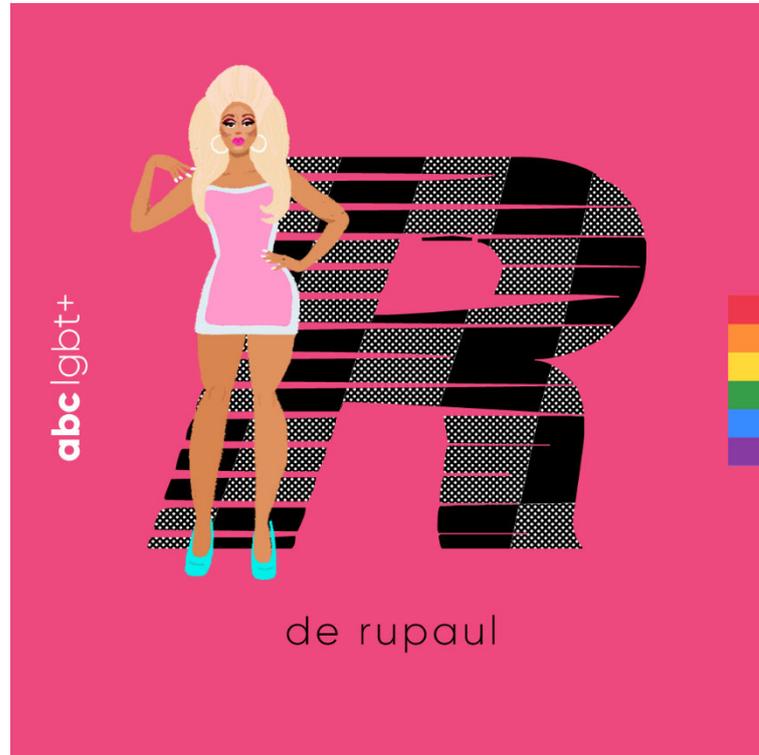
Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Queer é tudo que o discurso da sociedade transforma em anormal, em anormal, em estranho, em abjeto, em subalterno (Miskolci, 2012). São os gays afeminados, as lésbicas masculinizadas, as pessoas trans e travestis, as pessoas intersexo, e todos que estão na margem social. E não se engane, o termo “queer” nunca foi uma forma carinhosa de tratamento. Ele é originalmente um palavrão de teor extremamente pejorativo. Não há tradução em português que consiga provocar tanta repulsa que o termo originalmente provoca, há tentativas de tradução para “estranho”, “bicha”, “viado”, “traveco” e “sapatão”. A Teoria Queer surgiu advinda de trabalhos de vários filósofos e sociólogos: Michel Foucault, Judith Butler, Eve Sedgwick, Guy Hocquenghem e Michael Warner são apenas seis dos nomes que foram pioneiros nessa área de estudo.

Essa teoria é, então, uma linha de pensamento filosófico e sociológico surgida da aliança entre feministas e movimento LGBTQIAP+. É uma teoria que ainda está em construção e que foi altamente influenciada pelo existencialismo de Beauvoir, pelo marxismo, pela psicanálise, pelos estudos pós-coloniais, e por Foucault. Postula contra a classificação e a padronização das identidades, contra o assimilacionismo cultural, contra a cisnormatividade e heteronormatividade, contra o patriarcado, contra o (pink) capitalismo e contra o sistema binário de gênero e sexualidade. Não é, como alguns pensam, uma política identitária; é uma teoria crítica e pós-identitária orientada pela política das diferenças (e não da diversidade) e da subversão (fonte: Medium // Nobody is home).

## 5.18. R DE RUPAUL

Figura 37: R de RuPaul



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Apresentador, ator, produtor, modelo, cantor, compositor, autor, ativista e a drag queen mais famosa do mundo, RuPaul Charles está na indústria do entretenimento desde a década de 1980. Lançando seu álbum de estréia, *Supermodel of the World*, em 1993, o primeiro single do álbum de Ru, *Supermodel (You Better Work)*, se tornou um hit instantâneo, trazendo seu reconhecimento mundial. Daí em diante, a drag ganhou mais e mais espaço na mídia, até que em 2008 foi ao ar a primeira temporada de seu reality show *RuPaul's Drag Race*, que hoje é mundialmente reconhecido e um marco muito importante para a visibilidade e reconhecimento da arte drag e da comunidade LGBTQIAP+.

O programa se tornou uma febre, ecoando seu impacto na arte drag, criando tendências e maneiras de fazer drag. Além disso, *RuPaul's Drag Race* ganhou spin-offs (uma versão canadense, inglesa, thailandesa, espanhola e o all stars (com queens das temporadas anteriores) e a sua própria convenção de fãs (uma espécie de Comic Con) chamada de *RuPaul's Drag Con*. Muito obrigado RuPaul Charles por tudo que você fez em prol da comunidade LGBTQIAP+, por toda a voz, visibilidade e portas que se abriram para nós.

## 5.19. S DE STONEWALL

Figura 38: S de Stonewall



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Sem esse S nós não seríamos quem somos hoje e por isso nosso S é de Stonewall. Mas antes, vamos contextualizar: Stonewall Inn era um bar LGBTQ+ situado em Christopher Street, Nova York, em uma época que era proibido por lei vender bebidas para homossexuais, assim como, ser LGBTQ+ era crime. Driblando as leis, o bar era mantido pela máfia que subornava a polícia para que não fechassem o bar, entretanto a polícia constantemente aparecia no bar fazendo batidas policiais e levando alguns clientes presos.

Até que, na madrugada de 28 de junho de 1969 essa cena mudou. Os policiais invadiram o bar como sempre faziam, porém desta vez de uma forma ainda mais agressiva e truculenta, só que o que eles não esperavam era que os LGBTQ+s fossem revidar àquelas agressões. Stormé DeLarverie, uma lésbica e drag king preta, foi a primeira a não abaixar a cabeça para os policiais e a convocar os presentes ali para fazer o mesmo. E assim foi feito, todos que estavam no bar começaram a atacar os policiais, e depois de 45 minutos de caos absoluto, os oficiais fugiram do confronto.

Naquela noite, Silvia Rivera, uma mulher trans latina, e Marsha P. Johnson, uma mulher trans preta, foram algumas das trans e travestis que estiveram na linha de frente do

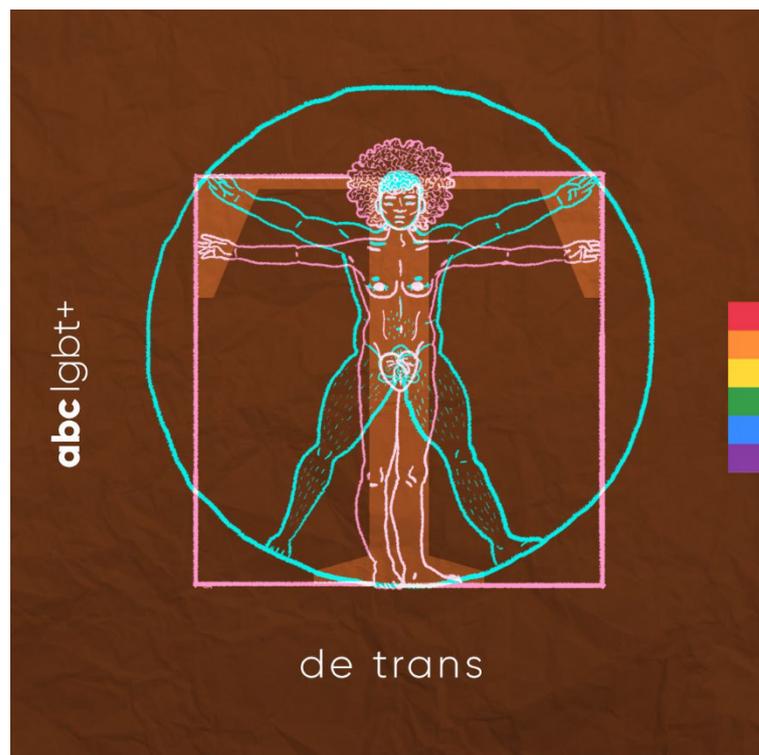
embate, se tornando o rosto da rebelião de Stonewall e sendo lembradas até hoje pelos seus feitos em prol da nossa comunidade.

Nos 5 dias seguintes da rebelião de Stonewall ocorreram protestos, onde o sentimento de “Gay Power” começou a ser inflamado, gerando a união de pessoas LGBT+s para lutar por seus direitos e suas existências. Depois da repercussão dos protestos, sendo os EUA um palco político mundial, o sentimento espalhou pelo mundo uma onda de manifestações da comunidade LGBT+. Assim, Stonewall encabeçou o que conhecemos de orgulho hoje.

Um ano depois dessa histórica madrugada caótica foi feita a primeira parada “gay” (assim chamada na época, mas hoje já aumentamos essa sigla), mantendo essa prática de celebrar o orgulho e reivindicar nossos direitos até os dias de hoje ao redor do mundo. Até que em 2016, Barack Obama decretou o bar como um monumento nacional dedicado ao movimento LGBTQIAP+.

## 5.20. T DE TRANS

Figura 39: T de Trans



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: o T da nossa sigla representa as pessoas transexuais, transgêneros e travestis. Ser trans é transcender o gênero que lhe foi designado em seu nascimento com o

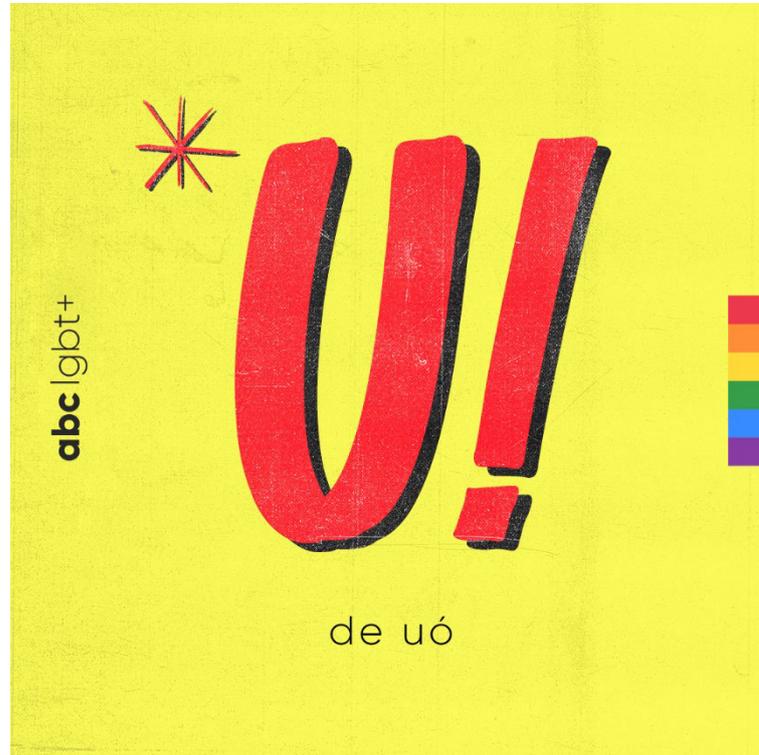
qual a pessoa não se identifica. As travestis, por sua vez, estão dentro da letra T e são uma identidade de gênero culturalmente brasileira. Mas até 2019, ser transexual era considerado uma doença mental pela OMS, e depois de muita luta pela despatologização, foi retirada da classificação oficial de doenças.

Essa classificação reforça muitos preconceitos e marginalização dessa população, gerando muitas dúvidas (preconceituosas), então vamos lá esclarecer algumas coisas: pessoas transexuais não são menos trans por não fazerem a cirurgia de redesignação sexual, nem por não fazer tratamentos hormonais, ou qualquer outro processo para se encaixar nos padrões cisgêneros da nossa sociedade.

O Brasil é o país que mais mata pessoas trans e travestis do mundo, seja de forma direta (assassinatos) ou de formas “indiretas”, afetando a saúde física e mental dessa comunidade, acarretando fins drásticos e lamentáveis. Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), 90% das travestis e mulheres transexuais estão na prostituição por falta de oportunidades, devido a exclusão social, familiar e escolar. Atualmente, apenas 6 estados brasileiros aplicam a lei Maria da Penha em casos envolvendo mulheres trans e travestis, mas ainda de forma muito restrita. O não reconhecimento das identidades trans, o abandono familiar, a exclusão escolar e no mercado de trabalho acarretam na marginalização dessa população. (fonte: Podcast Poc de Cultura)

## 5.21. U DE UÓ

Figura 40: U de Uó



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Uó, que já foi até nome de banda, é um adjetivo e significa “algo ruim, algo uó”. Essa é uma expressão que compõe o pajubá, um dialeto LGBTQ+ brasileiro. O pajubá tem origem na fusão de termos da língua portuguesa com termos extraídos dos grupos étnico-linguísticos nagô e yorubá - que chegaram ao Brasil com os africanos escravizados originários da África Ocidental - e reproduzidos nas práticas de religiões afro-brasileiras. Os terreiros de candomblé sempre foram espaços de acolhimento para as minorias, incluindo a comunidade LGBTQ+, que passou a adaptar os termos africanos em outros contextos (fonte: Revista Trip). Alguns exemplos são: acué (dinheiro), picumã (cabelo, peruca), aquendar (prestar atenção, pegar algo, ou esconder o pênis), alibã (polícia)...

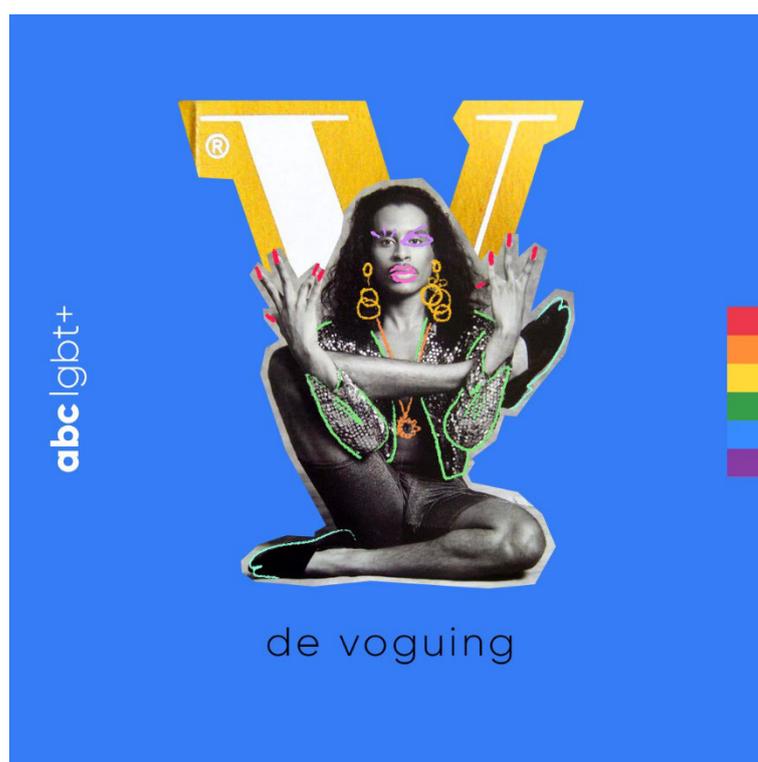
Esse dialeto surgiu pela necessidade da comunidade trans e travesti (principalmente) de se comunicarem em forma de códigos, para se proteger de ações policiais durante a ditadura e garantir sua sobrevivência. Em entrevista para a revista Trip, Flip Couto (dançarino, gay, preto, soropositivo e praticante do candomblé), explica que “essa comunidade criou ferramentas para, através da linguagem, criar um senso de pertencimento. É um campo

pra dizer que é nosso. A gente pode conversar sobre o que quiser no metrô, no ônibus, na rua e vamos se entender. É criar um mundo dentro do mundo”.

Pajubá é cultura brasileira, cultura LGBTQ+, sendo abordado em uma questão no ENEM de 2018, dando reconhecimento e visibilidade a essa parte da nossa cultura popular marginalizada. O pajubá não é só uma forma de resistência, mas de existência!

## 5.22. V DE VOGUING

Figura 41: V de Voguing



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: V de *Voguing*, sendo esse um estilo de dança inspirado nas poses que as modelos faziam nas páginas da Vogue, e igualmente influenciado pelos hieróglifos do Antigo Egito e pelos movimentos de ginástica. Frequentemente, a persona adotada pelos *voguers* era uma paródia codificada da feminilidade tradicional, que tanto glorificava como subvertia ideais de beleza, sexualidade e classe. E sim, o nome da dança realmente vem da revista de moda mundialmente famosa, mas o berço do *voguing* é um cenário onde não era nem um pouco de boa ser trans, lésbica, gay e muito menos “pintosa” - os que tinham a coragem de se assumir, eram expulsos de casa ou sofriam violências físicas e sociais. Dançar em uma *ball*

virou o grande momento em que as pessoas podiam ser elas mesmas e se expressar sem julgamentos. (fonte: I HATE FLASH)

O *voguing* tem as suas origens no *ballrooms* de Nova Iorque dos anos 80, tendo sido criado pelas comunidades negras e latinas queer (principalmente gays e trans) do Harlem. Entre as décadas de 60 e 80, as competições drag da cidade foram evoluindo de bailes a batalhas de *voguing*. Os participantes trans, gays e queers competiram não só pelos troféus, mas também pela reputação das suas *house family*". As mães ou pais de cada casa ofereciam uma espécie de família de acolhimento para muitos membros da comunidade que eram socialmente marginalizados, fosse pelo gênero, pela sexualidade ou pela etnia, e que se apoiavam mutuamente na aceitação e segurança do mundo *ballroom*, que era também visto como algo marginal na comunidade gay de Nova Iorque dos anos 80 (fonte: Vogue Portugal). Um dos principais nomes dessa cena e considerado o padrinho do Vogue, é Willi Ninja (o que dá a cara do nosso V).

### 5.23. W DE WARHOL

Figura 42: W de Warhol



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Nascido Andrew Warhola, Andy Warhol (1928-1987) foi um dos mais influentes artistas do século 20, sendo o maior nome do movimento Pop Art. Conhecido por suas obras multicoloridas, Warhol abordava temas como o American Way of Life, a indústria cultural, morte e religiosidade dentro da sua realidade como imigrante eslavo dentro do contexto norte-americano.

Ele possuía um caráter excêntrico, sempre repetindo que gostaria de “ser como uma máquina”, buscando sempre uma padronização em sua arte e os modos de fazê-la, contudo ele incorpora as falhas do processo, algo que não aconteceria em um processo industrial (fonte: Revista Elle). Warhol possuía extrema ligação com a comunidade LGBTQ+, da qual era membro integrante, sendo essa uma temática e inspiração presente em suas obras, como em sua famosa série ‘Ladies and Gentlemen’, em que retratou *o cenário queers* da cena club de Nova York, contando com nomes célebres como a ativista Marsha P. Johnson e a performer Wilhelmina Ross. Assim, Andy Warhol se construiu como uma importante personalidade no meio queer e no campo da arte, deixando vivo seu legado até os dias atuais.

#### 5.24. X DE XICA MANICONGO

Figura 43: X de Xica Manicongo



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

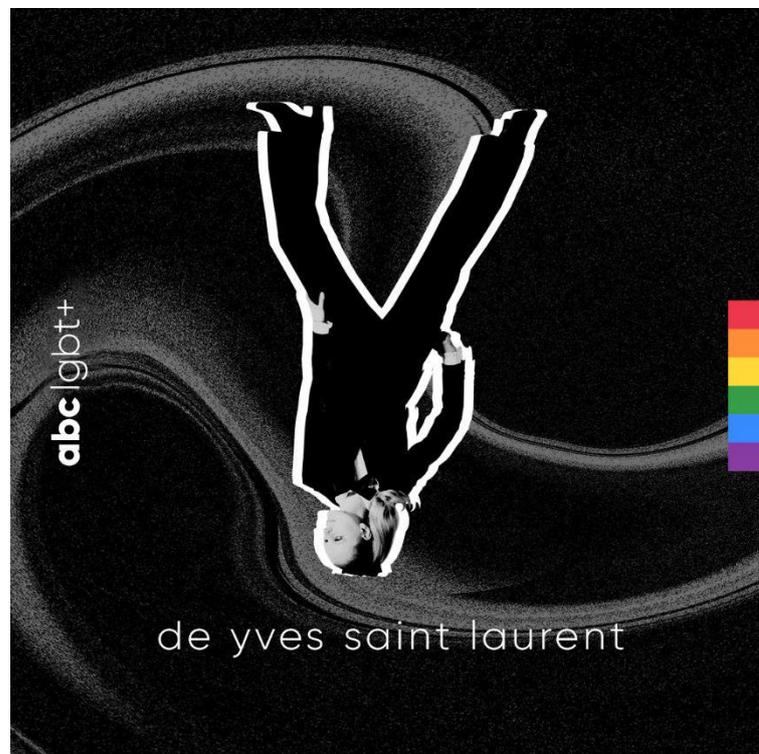
Texto de apoio: O X de nosso abecedário faz referência a uma importante figura da história LGBT+ brasileira. Considerada uma das primeiras travestis negras da qual se tem registro no Brasil, Xica Manicongo foi uma escrava de origem congoleza que viveu na cidade de Salvador, Bahia, durante o século XVI. Manicongo (nome utilizado para se referir aos governantes do Reino do Congo - *Mwene Kongo*) era uma guerreira negra que se vestia com um pano amarrado para frente como a vestimenta feminina dos *quimbanda* de sua terra de origem.

Em um cenário sob forte repressão religiosa, o Código de Ordenações Filipinas foi criado pela Igreja Católica, ditando normas e condutas baseadas em preceitos religiosos aliados ao considerado sexo biológico, em que proibiam expressamente qualquer forma de “inversões” dos gêneros. Por isso, Xica foi ordenada a se vestir “como homem” e parar de se vestir “como mulher”. A travesti não acatou a ordem, sendo condenada pela Igreja pelo crime de “sodomia”.

A história de Xica Manicongo anos depois ainda se repete em nosso país, sendo o que mais mata pessoas trans e travestis no mundo, mas mesmo assim, Manicongo nos inspira como exemplo de luta e resistência dentro desse cis-tema. (fonte: COLUNA TRAVESTI PRETA NÃO É BAGUNÇA de Leandro Rodrigues Nascimento da Silva)

## 5.25. Y DE YVES SAINT LAURENT

Figura 44: Y de Yves Saint Laurent



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: Y de Yves Saint Laurent, o estilista nascido na Argélia em 1 de agosto de 1936, foi um dos primeiros grandes designers a apostar na diversidade étnica e a criar o primeiro smoking (terno) feminino. Num mundo em que as mulheres transitavam do recato do lar para a independência financeira, tomavam as ruas exigindo igualdade de direitos e desfrutavam à vontade do sexo graças à liberdade conquistada com a pílula anticoncepcional, a tomada por elas (e para elas) desta parte fundamental do guarda-roupa masculino não poderia ser mais simbólica. O smoking questionou sexualidades nos anos 70, virou uniforme de trabalho nos anos 80, foi às festas nos 90 e ao tapete vermelho nos 2000. (fonte: O Globo)

Yves era assumidamente gay. Ele e seu marido, Pierre Bergé, foram morar juntos na década de 60 e protagonizaram o primeiro caso público de amor gay na França. O casal fundou a *YSL Couture*, onde Laurent era a metade visionária da empresa e Bergé cuidava das finanças da empresa. Seu casamento durou 18 anos, mas mesmo após a separação, os dois nunca deixaram de se apoiar.

A afirmação do casal em um tempo tão difícil para os homossexuais serviu como forma de resistência, tendo Pierre Bergé se tornando um grande ativista na causa LGBTQIAP+, tendo lutado muito pelo direito ao casamento de pessoas do mesmo sexo.

## 5.26. Z DE ZIGGY STARDUST

Figura 45: Ziggy Stardust



Fonte: Peça elaborada pelo autor.

Texto de apoio: E para finalizar nosso abc, Z de Ziggy Stardust, um alien superstar do rock que junto de sua banda, The Spiders From Mars, são responsáveis por trazer esperança a humanidade através de sua música. David Bowie então, incorpora a figura de Ziggy Stardust para falar em suas músicas sobre política, drogas e sexualidade. O personagem alienígena se declarou bissexual, na mesma época do surgimento dos primeiros movimentos a favor dos direitos LGBT+s. Entretanto, ao ser convocado para ser um dos porta voz do movimento, Bowie não aceitou a proposta, criando alguns atritos com a comunidade. Mas em uma entrevista no ano de 1972, o cantor revelou ser gay, que assumiu sempre ter se identificado assim, mesmo antes de ser um pop star.

Apesar disso, o cantor foi uma grande referência queer, tanto por suas músicas (em que haviam trechos falando sobre a vida dos clubs, das drags e sobre ficar com pessoas do mesmo sexo), quanto em seu estilo andrógino e revolucionário, misturando o masculino e o feminino, questionando padrões de gênero. David Bowie sempre teve uma alma rebelde e

disruptiva, pregando a liberdade e sempre questionando os padrões impostos pela sociedade, dando força para aqueles que se sentiam fora desses padrões (em sua maioria os LGBT+s).

## 6. CONCLUSÃO

Por muito tempo, diversas narrativas deixaram de ser contadas e registradas. Muitas vidas, histórias e vivências foram apagadas. Contudo, essas vozes que foram caladas se fizeram ouvir, e é por isso que hoje é possível a realização desse projeto experimental em comunicação. É apenas pela luta de movimentos sociais marginalizados, como o movimento LGBTQ+, que me foi possível construir o ABC LGBTQ+.

Um projeto que em 26 tipos do alfabeto latino condensou por meio do design identidades e vivências do universo LGBTQ+, propondo dialogar e introduzir conhecimentos *queer* para não-membros dessa comunidade, além de desencadear um sentimento de identificação por parte das pessoas LGBTQ+.

Durante o desenvolvimento do abecedário, o objetivo de tal experimento foi sentido na pele, pois foi preciso transpor medos, inseguranças e preconceitos pessoais para impor minha própria voz e conseguir transmitir os conceitos desejados. Para mim, como membro da comunidade LGBTQ+, foi um processo de descoberta e conexão com as narrativas *queer*, principalmente nas produções de design, com suas mais diversas expressões dentro da pluralidade de identidades da comunidade LGBTQ+. Como dito ao longo do desenvolvimento desse trabalho, é de extrema importância que as pessoas da própria comunidade desenvolvam design, exponham sua identidade e falem das suas próprias vivências, para que outras possam se sentir representadas nesses espaços. Ademais, essa não foi uma tarefa fácil, em uma perspectiva pessoal, por questões de atritos familiares e sociais que ainda não se encontram plenamente resolvidos, mas que, por fins acadêmicos e por acreditar na importância da discussão de pautas LGBTQ+ me propus a enfrentar tais questões, não me deixando calar assim como fizeram outras pessoas LGBTQ+ para que hoje eu pudesse estar aqui desenvolvendo esse projeto.

A metodologia adotada também revela uma conexão com o design *queer*, por permitir criar de maneira fluida através da experimentação, abraçando a falha e a tentativa, misturando elementos a fim de originar algo inusitado através de novas perspectivas. Desse modo, as ideias de subversão do hegemônico e da apropriação de ferramentas estéticas para ocupar espaços de poder e visibilidade está presente em todas as etapas do trabalho. Além disso, a elaboração do projeto me possibilitou exercitar diferentes áreas do conhecimento dentro do curso de publicidade, desde a área da pesquisa dentro da comunicação até o desenvolvimento prático da comunicação visual a partir do estudo de seus conceitos teóricos, sendo assim, essa jornada me fez refletir sobre minha própria evolução profissional dentro do curso, o

amadurecimento de técnicas e conhecimentos, para além de uma evolução e maturidade pessoal adquirida durante o percurso dentro da Universidade.

Portanto, conclui-se que esse projeto experimental possibilitou a elaboração de uma ferramenta comunicacional que, de maneira visual e estética, transmite didaticamente valores e conceitos culturais da comunidade LGBTQ+, visando dar visibilidade para as identidades sexuais e de gênero representadas na sigla, além de ilustrar e celebrar a pluralidade do movimento. Contudo, esse projeto não se encerra aqui, assim como a luta LGBTQ+ e o processo de entendimento das identidades dentro do movimento – por isso o ‘+’ ao final da sigla – pois é algo vivo, dinâmico e que está em constante construção. Por apresentar um caráter precursor na junção da ferramenta do abecedário com a temática LGBTQ+, o ABC LGBTQ+ é apenas o começo de um estudo e projeto visual que pode inspirar novas criações nesse mesmo intuito, de pensar o espaço do *queer* dentro do design gráfico e da tipografia, sendo potência para novas pesquisas de outros estudantes, e até mesmo para aprimorar tal projeto em um mestrado ou doutorado futuramente.

E assim vamos escrevendo mais narrativas LGBTQIAP2+, existindo e resistindo em todos os espaços, registrando nossas histórias e nos fazendo ouvir.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BUGGY, Leonardo Araújo da Costa. **O MECOTipo: Método de Ensino de Desenho Coletivo de Caracteres Tipográficos**. Buggy. 3.ed. Fortaleza: Litoral Press, 2021.

CARDINALI, Luciano. **A tipografia customizada como elemento identitário em sistemas de identidade visual. Um estudo sobre o desenvolvimento de fontes digitais personalizadas**. São Paulo, 2015.

**Carta para Além dos Muros**. Direção: André Canto. Produção: André Canto. Brasil: Descoloniza Filmes, 2019.

CASTRO, Betina Rezende de; FONSECA, Leticia Pedruzzi. **Análise Gráfica do Jornal Lampião da Esquina**. Cadernos de Design/ Centro de Artes/ UFPEL. V.2. 2021.

EAGLETON, Terry. **A Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1993.

FERNANDES, Bruna Emanuele; LISSA, Barbara; RODRIGUES, Rita Lages. **Boletim ChanacomChana e a transformação do silêncio em linguagem e em ação: ativismo lésbico-feminista na imprensa independente**. Signo. Santa Cruz do Sul, v.45, n. 84, p. 74-90, set./dez. 2020.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Quando existir é resistir: *Two-spirit* como crítica colonial**. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas. Vol. 11. Nº 1, 2017.

MARASCIULO, Marília. **O que significam as letras da sigla LGBTQI+?**. Revista Galileu, 2021. Disponível em: [<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/03/o-que-significam-letras-da-sigla-lgbtqi.html>]. Acesso em: 30 de novembro de 2021.

LEAL, Leopoldo Augusto. **Pandemonium: processo criativo, experimentação e acaso**/ Leopoldo Augusto Leal; orientador Vicente Gil Filho. — São Paulo, 2019. 340 p.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PORTINARI, Denise. **Queerizar o design**. Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Edição especial Seminário Design.Com, Outubro 2017. pp. 1-19. Disponível em: [<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>]

QUEIROZ, André Vieira; VILLAS-BOAS, André. **Design, hegemonia e ativismo**. Colóquio Internacional de Design, 2020.

SAWYER, R. Keith. **Explaining creativity: the science of human innovation**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2012.

SILVA, Véronique Le Dü da. **Saberes em forma de Abecedário: a Cartinha de João de Barros**. Revista Plures - Humanidades, Ribeirão Preto. V.4. N.1, p.20-29, 2003.

SOULELLIS, Paul. **What is queer typography?**. Site do autor Paul Soulellis, 2021. Disponível em: [<https://soulellis.com/writing/tdc2021/>]. Acesso em: 9 de janeiro de 2022.

SOUSA, Angélica Silva; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83, 2021.

STEPHANOU, Maria; SOUZA, Mariana Venafre Pereira. **Abecedários em circulação: Entre dicionários, impressos e cartilhas escolares**. Hist. Educ. Online. Volume 20. Nº 50, p. 297 - 325. Porto Alegre, 2016.

**The Project — 36 Days of Type**. ©2020-2021 36daysoftype – Original idea and project by 36 Days of Type & Treintayseis estudio. Disponível em: [<https://www.36daysoftype.com/>]. Acesso em: 30 de novembro de 2021.

WHITE, Jan V. **Edição e Design: para designers, diretores de arte e editores: o guia clássico para ganhar leitores**. São Paulo. JSN Editora, 2ª edição. 2006.

XUXA. **Abecedário da Xuxa**. Rio de Janeiro: Som Livre: 1988. Duração: 3:38min.